



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
BACHERELADO EM ARQUEOLOGIA

COONI WAI WAI

**A CERÂMICA WAI WAI:**

**MODOS DE FAZER DO PASSADO E DO PRESENTE**



SANTARÉM – PARÁ  
2019

COONI WAI WAI

**A CERÂMICA WAI WAI:**

**MODOS DE FAZER DO PASSADO E DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS, Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Camila Pereira Jácome

SANTARÉM – PARÁ  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

---

W145c Wai Wai, Cooni  
A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente. / Cooni Wai Wai. –  
Santarém, 2019.  
62 p.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Camila Pereira Jácome  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do  
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Ba-  
charelado em Arqueologia.

1. Cerâmica. 2. Mulheres. 3. Wai Wai. I. Jácome, Camila Pereira, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 738.098115

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a “Deus” por ter me dado estudo, nunca imaginei que eu poderia estudar na faculdade. Agradeço a esse *Ser Superior* que me deu folego para escrever esse trabalho.

À minha família, em especial minha mãe, *Cewciripi Wai Wai*, que sempre me orientou a estudar. À minha companheira Camila Figueiredo Gomes, que sempre me ajudou e me deu grandes presentes, nossos três filhos: Thaylla; Aylla Sofia e Arthur, que mesmo pequenos souberam compreender os momentos que não pude brincar com eles devido aos compromissos do estudo.

Agradeço aos professores que me ajudaram nessa etapa da minha vida acadêmica. Em especial, à professora Camila Jácome, que me orientou e teve paciência e me acompanhou até conclusão deste trabalho. A Meliam Gaspar, pesquisadora do MAE-USP, por ter me ajudado com auxílio financeiro para a realização das pesquisas de campo. Ao *owacarin* (“amigo” em wai wai), Igor Mariano Rodrigues, pesquisador do UFMG, que sempre me apoiou com a troca de experiências e conversas amigáveis.

Agradeço também a todos os professores e as professoras da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, por terem me ensinado com carinho, amor e respeito. Tive muita dificuldade na academia, por causa da minha língua, ou seja, como o português não é a minha língua materna, tive algumas dificuldades, mas nunca tiveram preconceito comigo, dentro da Universidade.

Agradeço à Universidade Federal do Oeste do Pará por tentar honrar a sua missão de desenvolver a Amazônia, com políticas de acesso (Processo Seletivo Especial) e permanência (bolsas de auxílio à permanência) para os povos indígenas. Há ainda muitos problemas a melhorar, mas sem essas políticas talvez eu não tivesse conseguido entrar na universidade e nem me formar.

A todas e todos, que contribuíram de forma direta ou indireta nesse trabalho e com a minha formação acadêmica, o meu muito obrigado!

## **Resumo**

Nesta monografia de finalização de curso apresento uma descrição e reflexão sobre os modos que as mulheres do povo Wai Wai fazem cerâmica atualmente na Aldeia Mapuera, rio Trombetas, em Oriximiná (PA), e comparo com registros históricos bibliográficos do início do século XX. O objetivo é entender quais as modificações e continuidades nesta produção técnica após o contato com missionários evangélicos, conversão ao cristianismo, e conseqüentemente aumento de contato com os povos não-indígenas. Essa pesquisa foi feita a partir de levantamento etnográfico e etnoarqueológicos, por meio de entrevistas, observação participante e registro audiovisual. Os resultados que obtivemos demonstram que o registro histórico, feito por pesquisadores não-indígenas, não foi completo, e também notamos que houve algumas mudanças técnicas.

***Palavras-chaves:** Cerâmicas, Mulheres, Wai Wai, Etnoarqueologia.*

## **ABSTRACT**

In this monograph I present a description and reflection on the ways that women of the Wai Wai people make ceramics actually in the Mapuera Village, Trombetas River, in Oriximiná (PA), and compare it with bibliographical historical records of the early twentieth century. The goal is to understand what are the changes and continuities in this technical production after contact with evangelical missionaries, conversion to christianity and consequently increased contact with non-indigenous peoples. This research was made from ethnographic and ethnoarchaeological survey, through interviews, participant observation and audiovisual record. The results we obtained demonstrate that the historical record made by non-indigenous researchers was not complete and we also noted that there were some technical changes.

**Keywords:** Ceramics, Women, Wai Wai, Ethnoarchaeology.

## Sumário

Introdução .....	7
Capítulo I - Contextualização histórica, etnográfica e arqueológica da região do rio Trombetas .....	12
1.1 Introdução .....	12
1.2. Sobre os Wai Wai.....	12
1.3 A Cerâmica Wai Wai.....	18
1.4 A Cerâmica Arqueológica Do Trombetas, Mapuera e Guiana.....	21
1.4.1 A Cerâmica Pocó .....	22
1.4.2. A Cerâmica Konduri .....	23
1.4.3. A Cerâmica Koriabo.....	24
1.4.4. A Cerâmica Tarumã .....	25
1.4.5. A Cerâmica Rupununi .....	26
Capítulo II - Metodologia de Pesquisa .....	28
Capítulo III - Entrevistas com as ceramistas.....	33
3.1. Introdução.....	33
3.2 Entrevista I: Ceramista da etnia Katwena .....	33
3.2.1 Identificação.....	33
3.2.2 Entrevista.....	34
3.3 Entrevista II: Ceramista da Etnia Hixkaryana .....	36
3.3.1 Identificação.....	36
3.3.2 Entrevista.....	36
3.4. Entrevista III: Ceramista da etnia Xerew E Katwena .....	38
3.4.1 Identificação.....	38
3.342 Entrevista.....	39
3.5 Entrevista IV: Ceramista da etnia Wai Wai.....	40

3.5.1 Identificação.....	40
3.5.2 Entrevista.....	41
Capítulo IV- Resultados.....	44
4.1 Introdução .....	44
4.2 Resultado do Trabalho de Campo Etnográfico.....	44
4.2.1 A coleta da argila .....	47
4.2.2 Preparação do Kwepi (caraipé).....	48
4.2.3 A manufatura .....	48
4.2.4 A queima.....	50
4.2.5 O tratamento da pintura.....	51
4.3 Análise das Entrevistas das Mulheres Wai Wai, Katwena, Xerew E Hixkaryana .....	52
Conclusão.....	55
Referências Bibliográficas .....	56

## Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será dedicado à cerâmica feita atualmente pela etnia Wai Wai na aldeia Mapuera.

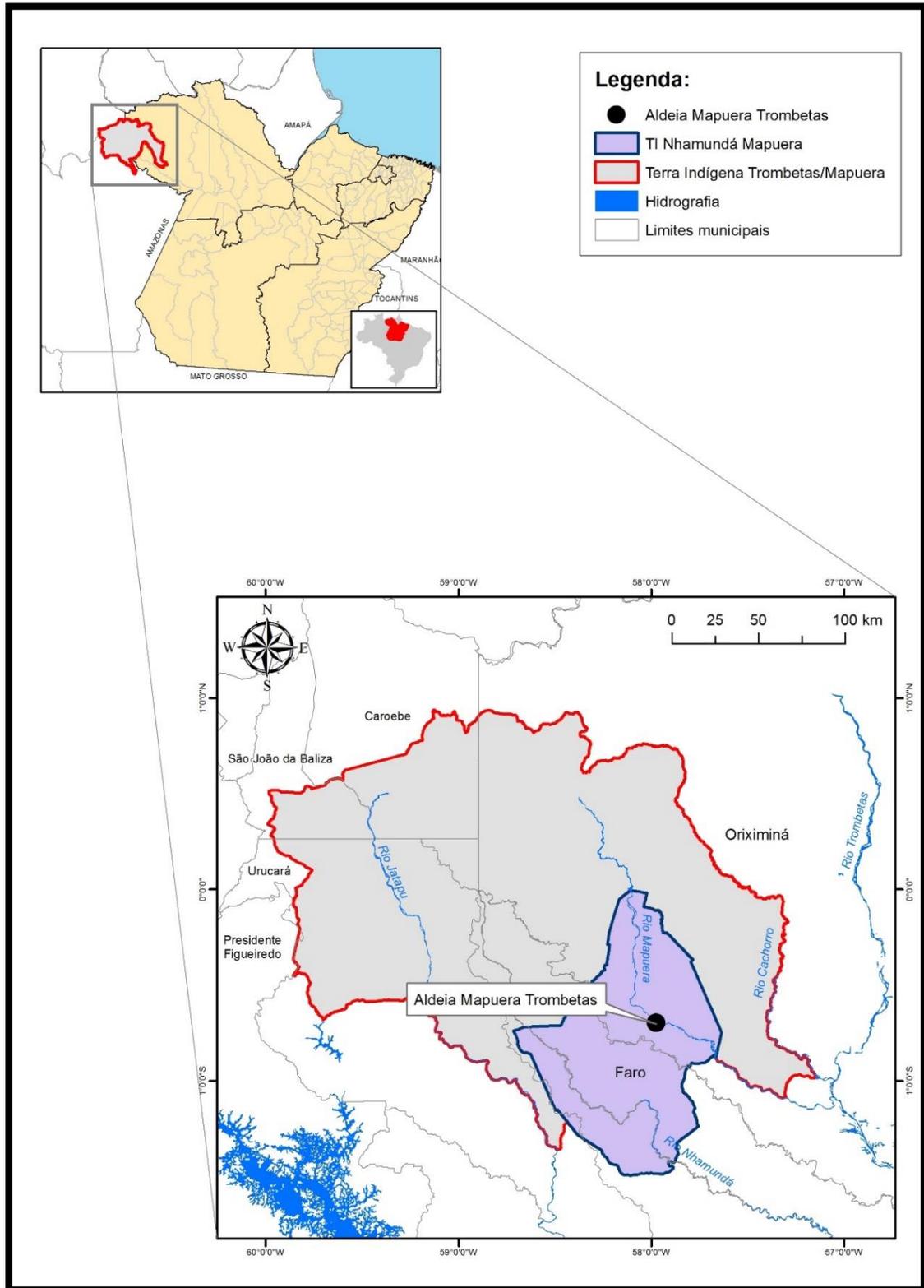
Essa aldeia está situada no Rio Mapuera que é afluente da margem direita do Rio Trombetas, no município de Oriximiná (PA), na Terra Indígena Nhamundá-Mapuera (ver Figura 2). Porém, nós Wai Wai vivemos na área demarcada de duas Terras Indígenas (T.I.) Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera, que abrange três estados do Brasil: Roraima, Pará e Amazonas, conforme mostra a Figura 1.

Atualmente, vivem na aldeia Mapuera 12 etnias diferentes, são elas: Wai Wai, Hixkaryana, Mawayana, Xerew, Katwena, Tiriyó, Paríkwoto, Mínpoyana, Tikyana, Tunayana, Wapixana e Katxuyana. No total, de acordo com informações da CASAI de Oriximiná/PA<sup>1</sup>, a população de Mapuera soma cerca de quatro mil pessoas, mas ao longo de todo o rio Mapuera a população é de aproximadamente sete mil indígenas.

A partir do levantamento de dados em pesquisa de campo e em registro escritos, vamos apresentar os resultados do estudo sobre a transformação ocorrida ao longo do tempo no modo como as mulheres Wai Wai faziam e ainda fazem a cerâmica. Essa pesquisa também apresentará informações sobre as diferenças e as semelhanças na fabricação das cerâmicas na aldeia Mapuera, observando como cada etnia fabrica diferentes tipos de cerâmicas nessa região.

---

<sup>1</sup> Informação oral, obtida em maio de 2017, na Sede da Casai/Oriximiná.



**Figura 1 - Mapa com a localização das Terras Indígenas Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera. Fonte: adaptação feita por Rafael Monteiro, 2018, com base em Caixeta de Queiroz (2008).**



**Figura 2 – Vista aérea da aldeia e do rio Mapuera. Foto: Cooni Wai Wai, 2018.**

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, faço uma contextualização histórica, etnográfica e arqueológica das regiões, Guiana, Mapuera e Trombetas. No segundo, apresento a metodologia que usei na pesquisa. No terceiro capítulo, trago as entrevistas e as observações feitas em campo e, por último, no quarto capítulo, apresento a análise das entrevistas e das informações de campo.

Porém, antes de apresentar o meu trabalho, gostaria de me apresentar. Meu nome é Cooni Wai Wai, sou o segundo filho de Edimilson Toori Wai Wai e Cewciripi Wai Wai. O meu pai é da etnia Hixkaryana e a minha mãe, Mawayana. Minha língua materna é a Wai Wai, mas falo um pouco de Hixkaryana, Mawayana, Katuena e português. Nasci na aldeia Kassawa (AM), mas cresci e vivo até hoje na aldeia Mapuera (PA).

Comecei a estudar no Ensino Fundamental na aldeia Mapuera quando tinha de 12 para 13 anos de idade. Antigamente, na nossa escola funcionava somente de 1ª a 4ª série. A gente estudava só na língua materna, os professores indígenas não nos ensinavam na língua portuguesa. Depois, o prefeito de Oriximiná, Luiz Gonzaga, mandou fazer a escola de alvenaria em nossa aldeia; depois disso, ofertaram ensino de 4ª a 8ª série. Quando terminei a 8ª série, parei de estudar por muito tempo, pois naquela época não tinha Ensino Médio na nossa aldeia.

Muitos anos depois, o Governador do Estado do Pará, Almir Gabriel, pôs para funcionar esse ensino em Mapuera e eu recomecei os estudos até terminar. Os professores do Ensino Médio eram *karaiwa* (“brancos”) e ensinavam somente em português. Foi nesse momento que comecei a aprender português por causa das aulas.

Nos anos de 2009 e 2011, os pesquisadores arqueólogos André Prous e Camila Jácome foram fazer pesquisa de campo em minha aldeia sobre a nossa cerâmica antiga e recente. Eu participei duas vezes dessa pesquisa junto com os pesquisadores arqueólogos, através do Cacique Elizeu Wai Wai. Essa experiência despertou em mim o interesse pelos estudos arqueológicos. Após um ano, eu e o cacique Amayta Wai Wai viajamos para Belo Horizonte (MG) para participar de um encontro de arqueologia e antropologia da Amazônia da UFMG. Lá conversei com Ruben Caixeta, sobre estudar em Minas Gerais na área de Arqueologia e pedir apoio para isso, pois Ruben Caixeta é um antropólogo muito conhecido entre o povo Wai Wai pelo fato de ter trabalhado muitos anos na aldeia Mapuera, pesquisando sobre a organização social e os mitos do nosso povo. Ele também trabalhou na demarcação da Terra Indígena Trombetas-Mapuera, onde fica minha aldeia. Em 2013, fiz o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) da Ufopa, em Oriximiná, o que resultou na minha aprovação para o curso de Bacharelado em Arqueologia, que cursei de 2014 até 2019.

Antes de estudar arqueologia na Ufopa, tinha interesse de estudar sobre materiais antigos dos meus povos, queria aprender coisas antigas e novas, porém meu pai e minha mãe não queriam que eu estudasse arqueologia. Eles achavam que não era bom, porque poderia ser perigoso perturbar os antigos, mas depois eles me apoiaram.

Na universidade, estudando os conteúdos das disciplinas, com o tempo, foi nascendo em mim o interesse de estudar sobre como a cerâmica Wai Wai: como é feita atualmente e se houve grandes modificações do modo de fazê-la, depois que o povo entrou em contato com os missionários evangélicos, modificando meu primeiro interesse de pesquisa. Como tomei essa decisão, pois era importante para mim, recebi apoio dos amigos e dos meus familiares.

A metodologia que usei para as pesquisas foi iniciar com as leituras bibliográficas de pesquisadores anteriores, que já fizeram trabalhos escritos sobre cerâmica do meu povo Wai Wai, que foram estudadas pelos pesquisadores da etnologia Yde (1963) e da arqueologia Evans & Meggers (1960). O meu objetivo neste trabalho foi o de contribuir para investigar sobre este assunto, mas agora a partir do nosso ponto de vista. Já temos entendimento dos *karaiwa* (brancos), que é importante e precisamos deixar evidente o nosso.

Como já dissemos, vivem atualmente em Mapuera 12 etnias diferentes. Meu propósito inicial foi o de comparar as formas da fabricação da cerâmica da cada uma dessas etnias, mas pude fazer somente com quatro etnias. Além disso, também tinha por objetivo comparar como as mulheres Wai Wai faziam cerâmicas antigamente. Para isso, fiz entrevistas na aldeia com quatro mulheres de etnias diferentes, que apresento o conteúdo das entrevistas e fotos, no capítulo três.

## Capítulo I - Contextualização histórica, etnográfica e arqueológica da região do rio Trombetas

### 1.1 Introdução

Neste capítulo apresento três tópicos, no primeiro tópico apresento a contextualização histórica do povo Wai Wai, a partir da histórica contada pelos velhos conhecedores do meu povo e também referências bibliográficas históricas e etnográficas. E no segundo, apresento a cerâmica do meu povo na região da Guiana, que foi estudado pelo etnólogo Yde (1963) e pelos arqueólogos Evans & Meggers, (1960). Finalizamos, apresentando as cerâmicas arqueológicas do Rio Trombetas e seus afluentes, que foram estudadas por Hilbert (1955) e Guapindaia (2008) e as cerâmicas do Rio Mapuera estudadas por Jácome (2017).

### 1.2. Sobre os Wai Wai

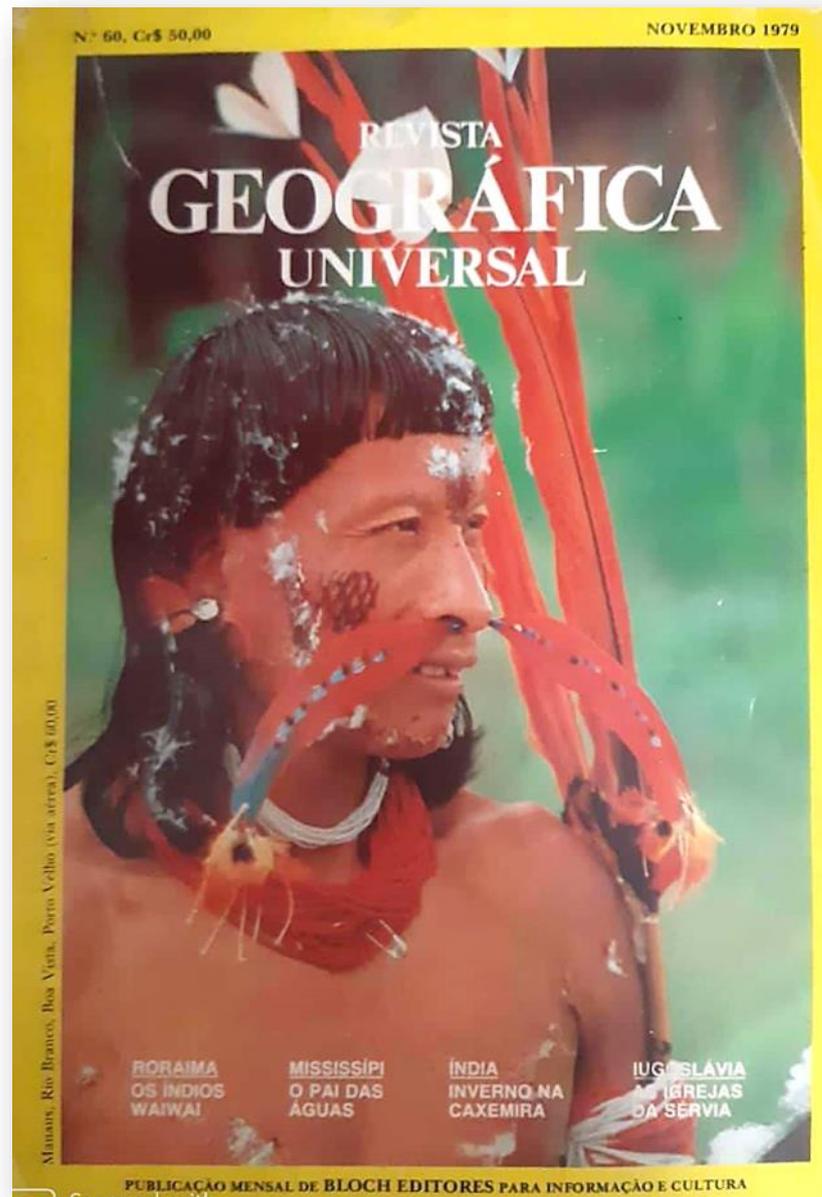
A história que escrevi do meu povo Wai Wai foi baseada nas memórias de dois senhores mais velhos do povo de etnias diferentes. Trata-se de *Kwarîmna* que é da etnia Tarumã e de *Israel Kanahma* que é Mawayana. Essa história dos Wai Wai levantei em um trabalho conjunto com meus colegas da Ufopa, *Roque Yaxikma* (do curso de Antropologia) e Nathalia Sabrina (do curso de economia), para um trabalho, realizado durante a disciplina de Métodos de Instrumentos e Técnicas de Pesquisa, que expomos na universidade.

*Kwarîmna* e *Israel Kanahma* contaram onde os Wai Wai moravam antigamente, falaram também sobre a chegada dos missionários na aldeia dos Wai Wai e também contaram da ida para Guiana Inglesa e da volta para o Brasil. Esse texto que usei no meu trabalho.

Antigamente, meu povo Wai Wai morava numa aldeia chamada *Kahxi-yimo* (cachoeira grande), na cabeceira do Rio Mapuera. Porém, existiam aldeias Wai Wai também na região da Guiana Inglesa que viviam isolados. Outras etnias habitavam o Rio Urukurin, um dos formadores do Mapuera, como, por exemplo, os Mawayana logo abaixo do Rio Ixamna, que significa rio Mapuera. Os Wai Wai não ficavam por muito tempo em um só lugar, eles andavam por vários lugares, eram nômades, concentravam-se em lugares onde houvesse mais fartura de caça, pesca e frutas. Muitos anos depois, o povo Wai Wai deixou suas aldeias no Brasil, mudando-se para a região da Guiana Inglesa, mas já havia outros povos Wai Wai e de outras etnias, que habitavam essa região, como os Wapixana e Tarumã, sendo esses últimos moradores

da aldeia *Erpo-yimo* (“forno grande”). Esse povo já mantinha contato com os *Karaywa* (“brancos”), que eram evangelizadores nessa aldeia. Esses evangelizadores levavam para os Tarumã ferramentas, como machados e terçados, para que esses indígenas desenvolvessem melhor e mais rápido suas atividades agrícolas entre outras.

Segundo relato do Kwarîmna, os missionários chegaram primeiramente na aldeia *Erpo-yimo* na região da Guiana. Depois os moradores informaram que havia grupos de indígenas no *Kahxi-yimo*. O missionário *Kmam* foi atrás dos Wai Wai, onde os povos estavam isolados naquele lugar. *Caari* é da etnia Wapixana, que levou missionário para mostrar os povos do *Kahxi-yimo*. Quando *Kmam* chegou à aldeia dos Wai Wai o jovem *Ewka* tinha 20 anos de idade (Figura 3). O primeiro cacique dos Wai Wai foi *Muywa*, ele que coordenava seu povo, sabia pajelança e curava doenças, comunicava-se com os outros pajés e fazia tudo que seu povo precisava. Com passar do tempo às atividades que o cacique desenvolvia, começaram a deixá-lo cansado e fraco, por isso ele escolheu o Pajé *Ewka* para ser seu substituto. O jovem *Ewka* passou a liderar os Wai Wai, apesar de sua juventude sabia sobre pajelança e também tinha o conhecimento para curar doenças e se comunicava com pais dos animais (“*Worokyam*”) e com os espíritos (“*ekatî*”).



**Figura 3 – Ewka, em 1979, na capa da Revista Geográfica Universal.**

Na aldeia Kahxi-yimo, o pajé Ewka tinha *Xurpana*, uma casa feita de palha toda coberta, que somente ele poderia entrar. Lá dentro tinha alguns objetos para usar no seu trabalho. O velho Kwarîmna não contou os nomes dos objetos que o pajé usava. Perguntei para ele: “Você sabe alguns os objetos que pajé Ewka usava?” Ele respondeu: “sim, mas isso não vou poder contar para você. Porque isso é a coisa do Worokyam” (“demônio, que eram animais transformados”), disse ele. Perguntei novamente: “Na aldeia Kahxi-yimo existia mulher

ceramista? ” E ele respondeu: “Existia sim, *Tooci* era ceramista naquela aldeia, ela fazia várias formas e tamanhos das cerâmicas”. Essa ceramista aparece no trabalho de Yde (1963), mas o autor a chama de *Towchi* (Figura 4). Nesse trabalho Yde tirou muitas fotos de *Tooci* e informou sobre o seu modo de fazer cerâmica *Wai Wai*. Existia também outro tipo de *Tahrem* (“cerâmica”), chamada de *Maxkirpa*. A *maxkirpa* era feita de cipó formato da panela grande e também era feita pelos homens. As panelas *maxkirpa* eram usadas no tempo de festas por serem grandes e comportar maior quantidade de bebidas. A panela era de aproximadamente de 300 ou 400 litros. Dentro dela as mulheres colocavam as folhas de palmeiras ou de banana para cobrir dentro, depois eles colocavam as bebidas de *kaxiri* (*pucukwa* em Waiwai).



**Figura 4 – Tooci no processo de construção das paredes e alisamento. Foto retirada da coleção Niels Fock do acervo do The Archive of the Indigenous Language of Latin America. <https://ailla.utexas.org/islandora/object/ailla:124389>**

O missionário Kmam queria que os Wai Wai aceitassem a Jesus, mas o pajé e cacique Ewka disse que iria aceitar Jesus primeiro, com as seguintes palavras: “vou aceitar Jesus primeiro, pois se eu morrer ninguém mais deve aceitar esse *Worokyam* (demônio/espírito)”, referindo-se ao Deus dos missionários. Quando ele aceitou, não aconteceu nada de ruim com ele. Por isso, em seguida, outras pessoas aceitaram Jesus, como: *Yakuta*, irmão do Ewka, *Mawaxa*, *Kirpaka* e muitos outros. Depois que Ewka aceitou Jesus, algumas práticas de pajé

como aquela de se comunicar com o pai dos animais foram sendo abandonadas. Abandonou seu Worokyam (que era *ponko*, queixada porco do mato) e foi mudando para outra vida. O missionário Kmam levou os Wai Wai e também convidou outras etnias, como, os Hixkaryana e Mawayana para irem morar na Guiana.

Os missionários norte-americanos, Hawkins, Nilo Jaime e Roberto Kmam, chegaram em 1949 na região da Guiana inglesa para procurar os habitantes daquele lugar. A viagem deles foi feita de canoa, por causa das dificuldades, pois os rios eram repletos de cachoeiras, corredeiras e troncos caídos que dificultavam a chegada até as aldeias Wai Wai. Essa viagem seria muito importante, pois iriam visitar alguns povos que estavam em guerra e que poderiam atacá-los, surgindo subitamente de seus esconderijos. Ainda na aldeia, Ewka alertou os missionários sobre os perigos de onça e flecha. Por isso, precisavam de voluntários corajosos, que não temessem dificuldades, pois desta vez seriam maiores os desafios da viagem. Ewka informou sobre as várias etnias que ainda viviam isoladas, como, a dos Katwena, dos Xerew, dos Tunayana e dos Karapawyana. Informou também que havia as muitas dificuldades para chegar até esses povos.

Os Wai Wai são povos de língua e cultura Karib (Howard, 2000). A população da aldeia Wai Wai é construída por várias etnias, que se juntaram ao povo a partir da evangelização. Entre o século XIX e XX, viajantes, exploradores e etnógrafos relatam sobre os Wai Wai, apresentamos alguns deles. O geógrafo inglês Robert Hermann Schomburgk (apud Jácome 2011)<sup>2</sup>, que realizou suas viagens entre os anos 1835 e 1839, depois novamente em 1843, na Guiana Inglesa e na região do rio Orenoco. Ele encontrou os Wai Wai nos dois lados da fronteira Brasil / Guiana Inglesa, delimitada pela Serra Acari, com duas aldeias ao sul no rio Mapuera e uma ao norte no rio Essequibo, separadas por distâncias correspondentes a dois dias de caminhada. O viajante avalia a população destas três aldeias em 150 pessoas. No relato Schomburgk apresenta vários dados que indicam a experiência de uma ampla rede de relação de trocas entre os diferentes grupos indígenas desta região (Schomburgk apud Jácome, 2011).

O dinamarquês Niels Fock (1963) também fez uma incursão etnográfica nas aldeias do Essequibo. No período em que lá esteve registrou muitas informações sobre organização social, sobre os mitos e outros costumes, como, dança e música. Outra etnografia importante feita com

---

<sup>2</sup> Todas as referências bibliográficas sobre os Wai Wai ou arqueologia da região do Trombetas e Guianas em língua inglesa, foram consultados secundariamente a partir das revisões bibliográficas feita pela minha orientadora, Camila Jácome (2011, 2017). Optamos por isso, pois havia muitas informações importantes para esta pesquisa, mas o acesso a leitura em inglês é muito mais difícil para mim.

os Wai Wai de Roraima e do rio Mapuera, foi de Catherine Howard (2000), além de trabalhar com os temas de organização social e cosmológica, Howard também observou a relação dos Wai Wai com a igreja evangélica. Por fim, citamos também o trabalho de Ruben Caixeta de Queiroz (1999, 2008), que além de trabalhar com registro de filmes sobre as festas, fez recentemente um trabalho muito grande sobre a origem de cada grupo, de acordo com a região de onde vieram, para ser utilizada no trabalho de demarcação da Terra Indígena Trombeta-Mapuera (Caixeta de Queiroz, 2008).

### 1.3 A Cerâmica Wai Wai

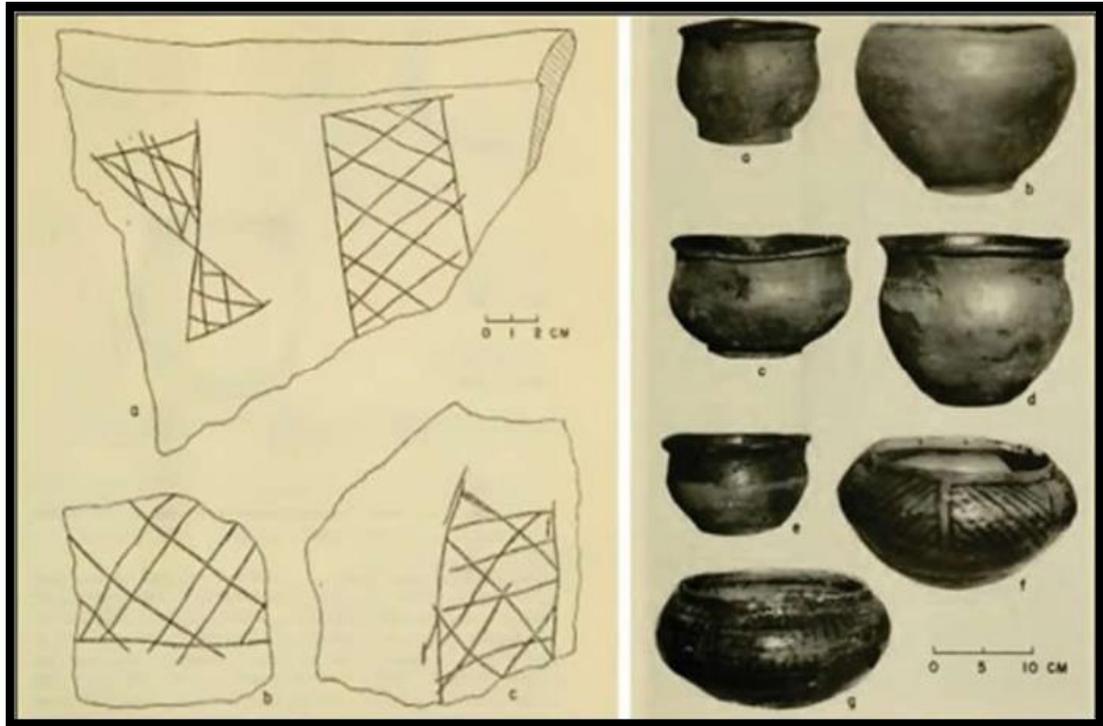
A cerâmica da etnia Wai Wai foi estudada pelo casal de arqueólogos norte-americanos Evans e Meggers (1955, 1960 apud Jácome, 2017) na década de 60, escavadas e coletadas em sítios arqueológicos que eram antigas aldeias abandonadas pelos Wai Wai da região do Alto Essequibo, na Guiana. Essa pesquisa foi feita em duas aldeias antigas, Erpo-yomo, que já mencionamos acima, e Kurwa Mututu. Nessas aldeias foram observadas, as casas feitas de palhas, com estruturas de postes, pequenas e circulares. Quando eles fizeram essa escavação do sítio arqueológico, porém, apresentaram um pacote de ocupação muito pouco profundo, e com somente 489 fragmentos das cerâmicas, que foram analisados. Eles classificaram essa cerâmica em três tipos diferentes: Erpo-yomo simples, Erpo-yomo inciso e Erpo-yomo pintado, estabelecidos a partir dos poucos fragmentos com decoração, a maioria era simples (Figura 5).

O Erpo-yomo simples apresenta antiplástico de areia e duas formas de vasilhas com base plana, bojo arredondado e as bordas extrovertidas, e provavelmente, serviam para cozinhar. A segunda só tinha tamanhos diferentes, pois, sua forma era com base pedestal, bojo arredondado, borda introvertida e lábio arredondado, que serviam para colocar bebidas e elas não tinham decoração.

Já o tipo Erpo-yomo Inciso, também tem o mesmo antiplástico e as mesmas formas: base arredondada, bojo arredondado, pescoço levemente constricto e borda extrovertida. Mas, já apresenta decoração incisa na face externa da borda e incisões pontiagudas.

O tipo Erpo-yomo pintado, também tem areia como antiplástico, mas as formas variam. Há vasilhas fechadas com sua base plana, pedestal, bojo arredondado, bordas diretas e lábio arredondado. Os desenhos das cerâmicas foram feitos com tinta preta, a partir da seiva de uma árvore (*yarka yehkuru*) e tinta vermelha, *kuuri* em Wai Wai. Eles também observaram sobre as formas do desenho que eram utilizadas pelas mulheres ceramistas de linhas retas nas cerâmicas,

a resina quente era aplicada para proteger os desenhos das cerâmicas, conforme ilustração a seguir.



**Figura 5 - As formas das cerâmicas. À esquerda desenhos de peças Erpo-yo inciso, à direita formas de Erpo-yo simples (A-E) e Erpo-yo pintado (F-G). Fonte: Meggers e Evans (1960) a partir de Jácome (2017).**

Na expedição dinamarquesa de Niels Fock (1965), veio também Jean Yde (1963), que juntamente com ele trabalhou nas aldeias Wai Wai no período de 1954 a 1959, na região do Alto Essequibo, na Guiana e nas cabeceiras do Rio Mapuera. Este trabalho gerou o livro *Material Culture of Waiwai*, no qual há uma descrição detalhada de como eram feitas as cerâmicas pelas mulheres Wai Wai naquele tempo. No geral, Yde (*idem*) observou os tipos de uso da vasilha Wai Wai que são: panelas de cozinhar (*Tahrem wooto tîyotopo*), recipientes para beber (*Parakwe wooku yetopo*) e panelas para armazenar bebidas (*Tahrem wooku yen*), suporte para panelas nas fogueiras (*Cehyakata*) e assador de beiju (*Erpo*). Ele também percebeu em pequenas diferenças as formas de acabamento e de decorações dos artefatos entre as etnias, como: Hixkaryana, Wai Wai, Mawayana e Xerew.

Yde (*idem*) relata um dos lugares de onde se tirava argila. Ficava perto da aldeia *Wiira Thîrî* (“lugar de paca”) no Alto Essequibo. O barro era encontrado em pequenos igarapés, sendo

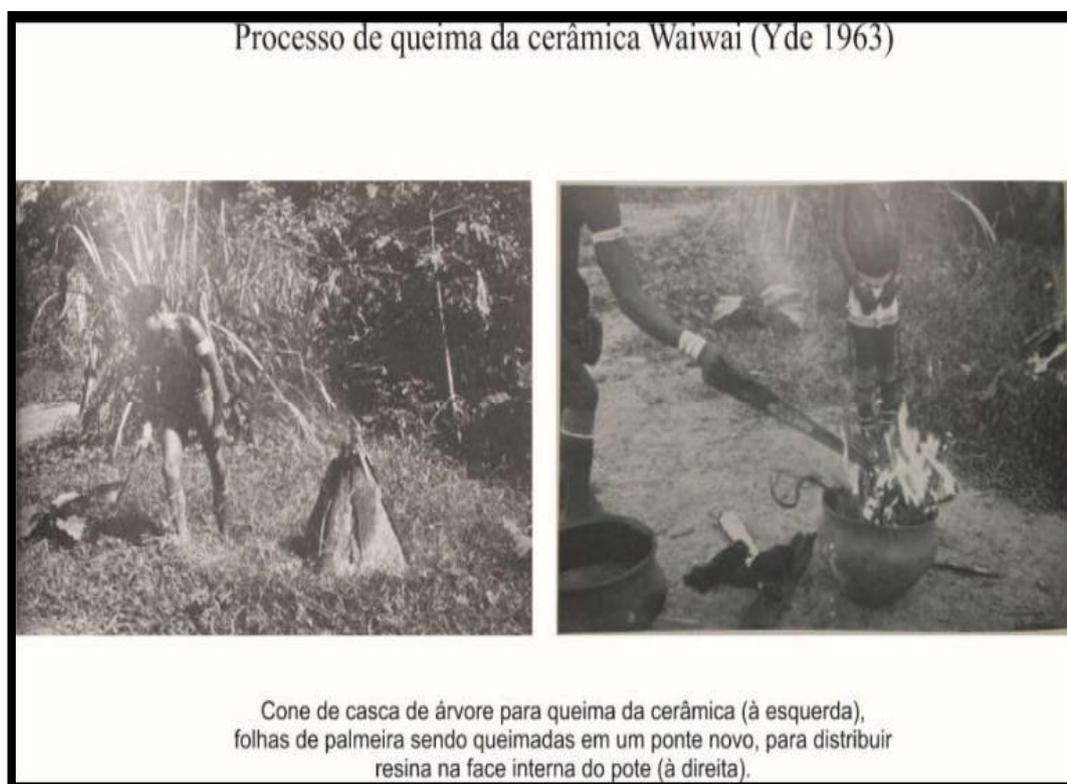
necessário cavar 60 cm, se possível na estação da seca. Os homens retiravam esse material com um bastão e colocavam sobre uma folha de palmeira para secar. Depois de seca era transportada para casa, e o processo de limpeza da argila era feita manualmente. Depois de tratada, misturavam com cinza da casca de árvore queimada (*kwepi* em Wai Wai), que deixava a massa com uma cor escura. Os rolos, de 30 a 40 cm de comprimento, eram feitos com as palmas das mãos.

Yde (*idem*) relata a fabricação da cerâmica pelas mulheres Wai Wai. O primeiro rolete era colocado em volta de um disco que ficava a base da vasilha. Quando ela colocava mais roletes de 4 ou 6 voltas começava raspagem com pedaço de cuia (*waraxpitu*) na parte externa e interna da vasilha. Na parte interna da vasilha, ela fazia os movimentos em diversas direções. No alisamento de vasilhas pequenas, a ceramista permanecia segurando com as mãos, já nas panelas grandes, ela movimentava ao redor da vasilha. Quando o alisamento terminava, em seguida deixavam secar de 5 a 6 dias em casas abertas. As imagens abaixo ilustram esse processo (Figura 6).



**Figura 6 - Parte do processo de produção cerâmica dos Wai Wai do Essequibo. Fonte: Yde (1963) a partir de Jácome (2017)**

Depois de secar, as peças eram levadas para o local da queima (Figura 7). As vasilhas pequenas eram queimadas todas juntas e as panelas grandes eram queimadas individualmente. A casca da árvore *Marawa picho* era usada para a queima da cerâmica e com ela a ceramista cobria os potes formados de cone. A queima das cerâmicas levava mais ou menos duas horas. Quando a ceramista queimava os potes, eles nunca apresentavam fuligem na superfície. A imagem abaixo, mostra o processo de queima da cerâmica Wai Wai.



**Figura 7 - Processo de queima da cerâmica Wai Wai no Essequibo, em cone de casca de árvores e aplicação de resinas. Fonte: Yde (1963) a partir de Jácome (2017)**

#### *1.4 A Cerâmica Arqueológica Do Trombetas, Mapuera e Guiana*

Existem cerâmicas mais antigas na região do rio Trombetas e Mapuera, que foram estudadas por Hilbert (1955) e Guapindaia (2008). Essas cerâmicas arqueológicas, denominadas de *Konduri* e *Pocó* são bastante diferentes, tanto nas formas como na decoração e no modo de produção que as cerâmicas Wai Wai. Vamos apresentá-las, brevemente, em nossa

monografia, assim como as cerâmicas arqueológicas da região da Guiana pesquisadas por Evans e Meggers (1960).

No ano de 2011, os arqueólogos André Prous e Camila Jácome realizaram pesquisa sobre a cerâmica antiga e recente Wai Wai, na região do rio Mapuera. Eu fiz parte dessa pesquisa, trabalhando nas escavações e ajudando Camila Jácome na análise de cerâmica *Konduri* de Oriximiná. Esse projeto foi sobre cerâmica arqueológica, antiga, não sobre a cerâmica que as mulheres Wai Wai ainda fazem.

A palavra *poco*, (a aproximação fonética em português seria *fotxó*) que na língua Waiwai significa avô, ou qualquer homem idoso fazia também alusão a cerâmica *Pocó*, considerada a mais antiga do baixo Amazonas (HILBERT & HILBERT 1980; GUAPINDAIA 2008 Apud JACOMÉ, 2017).

#### 1.4.1 A Cerâmica Pocó

Em 1955, a cerâmica *Pocó* foi observada por Peter Hilbert, primeira vez na região do Lago *Pocó*, no rio Nhamundá (AM). Quando ele observou essa cerâmica, as formas e as decorações eram mais parecidas com as cerâmicas do *Barrancóides* do sítio El Palito, na Venezuela. Alguns anos mais tarde, retorna em companhia do seu filho para o Nhamundá (Hilbert & Hilbert, 1980) objetivando estabelecer uma cronologia mais acurada desses sítios e dessa cerâmica Barrancóide. Identificaram uma cerâmica distinta das anteriores descritas (Hilbert, 1955), que foi denominada de *Pocó*, a partir do sítio localizado em igarapé homônimo, afluente do Nhamundá. Essas cerâmicas apresentaram como *antiplásticos* o *cauxi* e *caraipé*, as formas eram tigelas raras e fundas, com bojos semiesféricos, vasos de gargalo constritos, com paredes carenadas e assadores de beiju. As pinturas eram de engobo vermelho, faixas espessas, vermelhas, vinho, amarelo e engobo branco. A datação dessas cerâmicas foi feita em 1975 por Peter Hilbert quando retornou a Nhamundá com seu filho Klaus Hilbert. As cerâmicas foram datadas entre 65 AC e 205 DC e a outra  $1330 \pm 45$  AC. e  $1000 \pm 130$  AC.

No ano de 2008, Vera Guapindaia fez pesquisa na região do Rio Trombetas. Lá encontrou *Pocó* enterrados nos sítios arqueológicos, e em um sítio encontrou somente a cerâmica *Pocó*. A autora Guapindaia aborda também, no seu trabalho sobre a interação, uma troca entre os povos *Konduri* e *Tapajós*. Isso aconteceu da “localização geográfica dos rios Trombetas a oeste da área considerada como uma influência Tapajós” (p.31).

Heriarte informou sobre a cerâmica dos Tapajó, quando disse que estes e os índios Konduri que habitavam o rio Trombetas tinham finíssimo barro, de que fazem muito e boa louça de toda sorte, que entre os Portugueses e de estima, e a levam a outras províncias por contrato (HERIARTE.:39 Apud GUARAPIDAIA, VERA, 1993).

#### 1.4.2. A Cerâmica Konduri

A cerâmica *Konduri* recebeu esse nome de Curt Nimuendaju, em 1926 (apud Jácome, 2017). Hilbert não foi o primeiro a falar sobre essa cerâmica. Antes dele, em 1946, o etnólogo João Barbosa de Faria (1946) escreveu um artigo sobre a cerâmica do Rio Trombetas. Ele fez parte da pesquisa sobre Inserção de Fronteiras, junto com Marechal Rondon e Gastão Cruis. Na década de 1955, Peter Hilbert fez pesquisa na região do Rio Trombetas e Nhamundá. Nessa pesquisa ele conseguiu mapear 41 sítios arqueológicos entre os rios Erepecuru, Nhamundá e Trombetas, por meio de visitas e escavações (Figura 8).

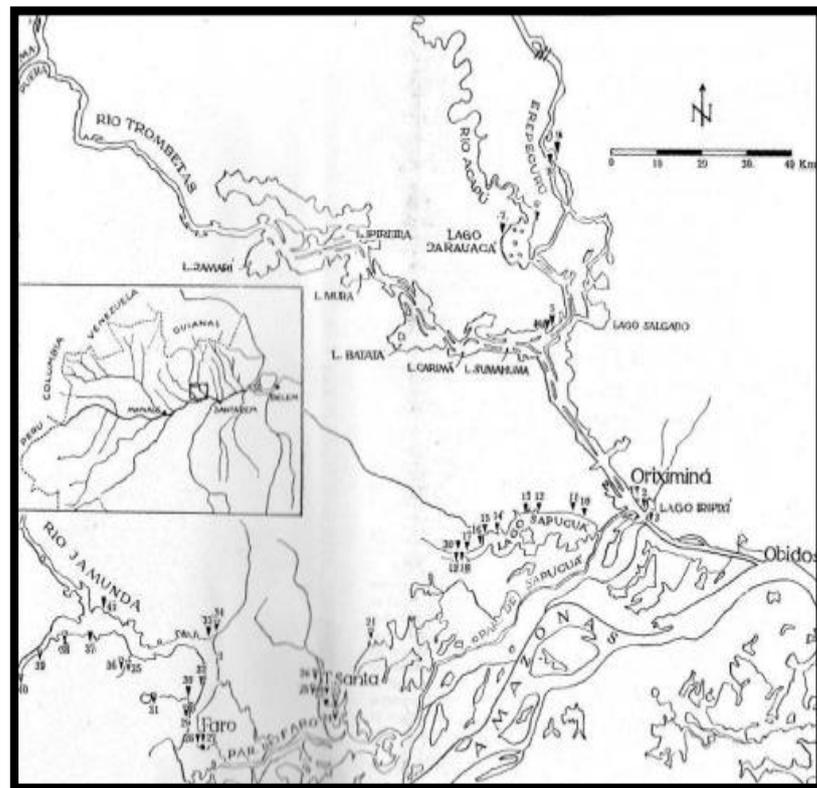


Figura 7 - Localização dos sítios identificados no baixo Trombetas e Nhamundá (Hilbert, 1955)

### 1.4.3. A Cerâmica Koriabo

Em 1960, a cerâmica *Koriabo* foi estudada por Evans & Meggers (1960), no Rio Barima na Guiana Francesa. As cerâmicas foram separadas em: Koriabo sem decoração; Koriabo Inciso e Koriabo Raspado. Quanto a materiais, algumas apresentavam-se com antiplástico e outras com caraipé. As decorações típicas da fase (Figura 9) são incisões finas e largas, associadas com decoração plástica (bolotinhas, linhas e pequenos rostos) e a presença de incisões nas bordas lobada. Posteriormente outros trabalhos foram feitos no Suriname (Van den Bel, 2010), na Guiana Inglesa e no Amapá (Cabral, 2011), conforme mostra a Figura 10.

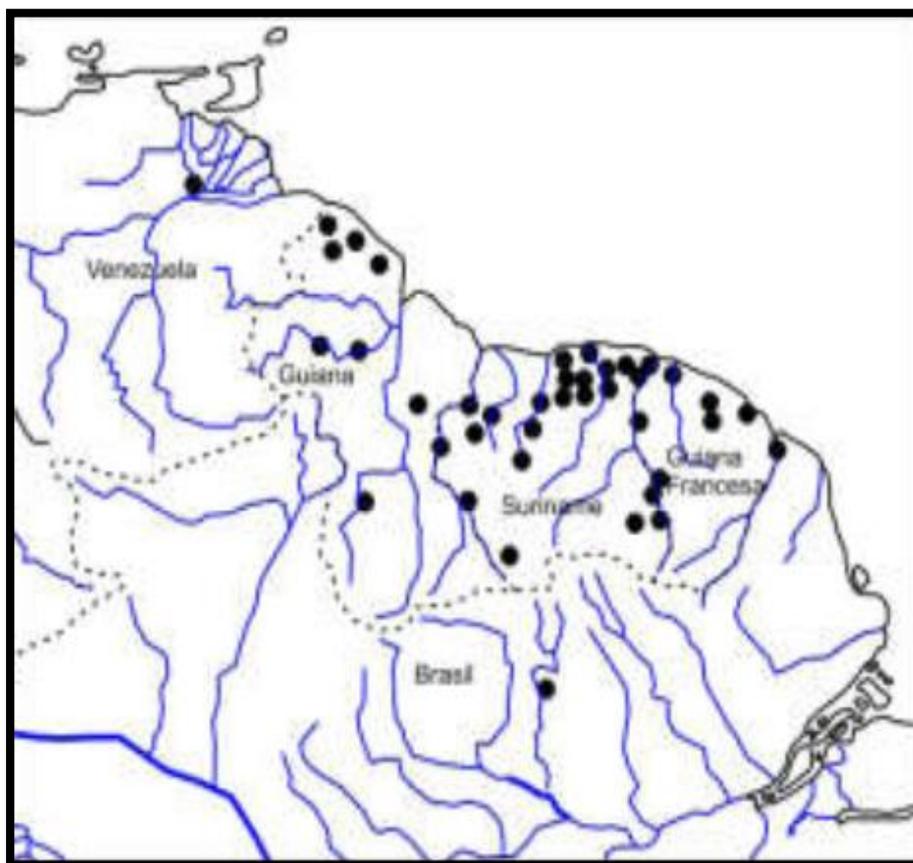
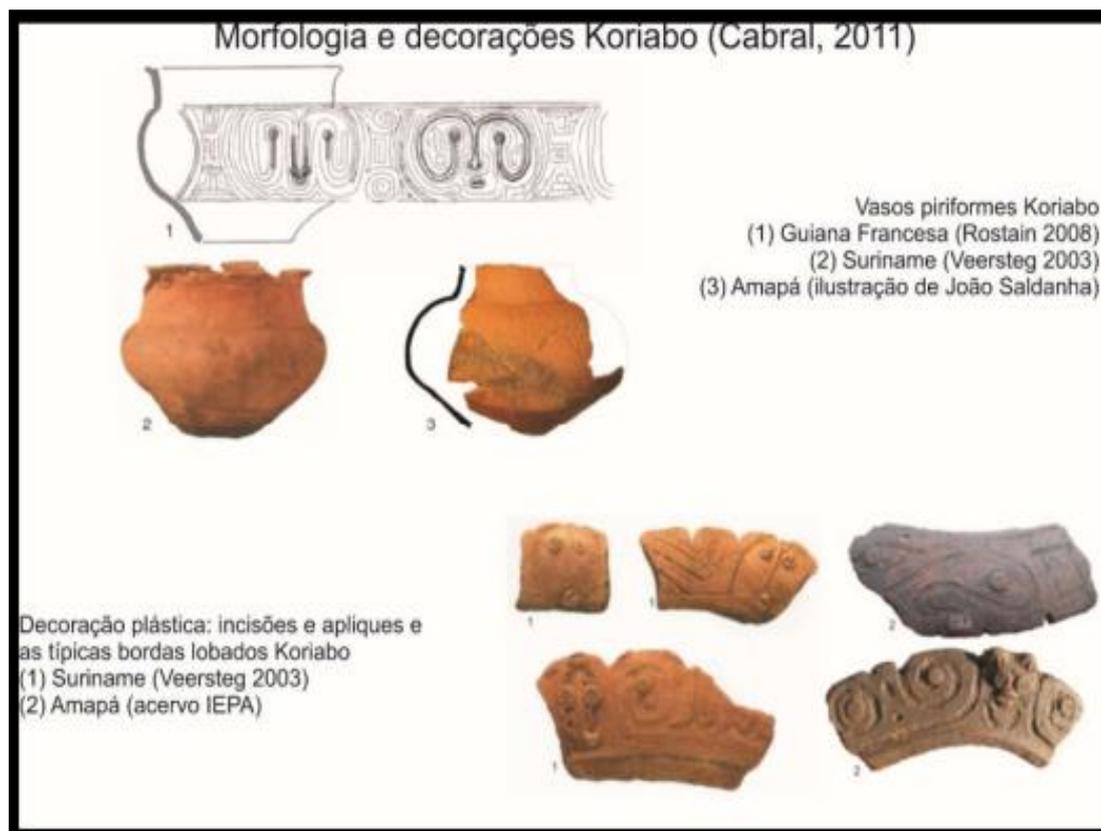


Figura 8 - Localização dos sítios Koriabo. Fonte: adaptação de Mariana Cabral (2011) a partir do original de Boomert (2004).



**Figura 9 - Formas e decorações Koriabo no Suriname, Guiana Francesa e Brasil (Amapá). Fonte: adaptação de Jácome (2017) com base em Mariana Cabral (2011).**

#### 1.4.4. A Cerâmica Tarumã

A cerâmica Tarumã também foi estudada por Evans & Meggers (1960) na Guiana Inglesa. Na década 60, a fase Tarumã foi mapeada com 35 sítios arqueológicos em um território que os permitiu associar aos grupos etnográficos Tarumã (Figura 11). Os pesquisadores relatam que esses materiais se apresentavam em pouca profundidade nos sítios arqueológicos, não ultrapassando 32 cm. Os tamanhos das aldeias eram encontrados de 9m a 100m de diâmetro, com área de dispersão arredondada. Os materiais coletados foram 14.000 fragmentos de cerâmicas. Foram identificadas cerâmicas de três tipos: *Kallunye* simples, constituída de quartzo e areia fina; *Mawika* simples, constituída de caraipé; *Yocho* simples, composta por grandes partículas de granito decomposto, quartzo e mica. Foram encontradas uma peça simples de cada tipo de cerâmica, que eram decoradas com pintura e incisão.



Figura 10 - Tipos cerâmica Tarumã - classificação de Evans e Meggers a partir de sítios do Alto Essequibo. Fonte: Prancha digitalizada por Camila Jácome (2017) a partir de Evans e Meggers (1960).

#### 1.4.5. A Cerâmica Rupununi

A cerâmica Rupununi também foi estudada por Evans & Meggers (1960), na região da savana no Essequibo (Figura 12). Lá identificaram 39 sítios arqueológicos. Essa cerâmica também apareceu associada em diversos contextos, como sítios de habitação, funerários e cerimoniais. A maioria dos sítios foi encontrada em cumes ou vertente suave de colina. Em 11 sítios identificaram cerâmicas misturadas com produtos de origem europeia, louça e vidro. Foram encontrados e coletados nos sítios 8.468 fragmentos arqueológicos e 26 vasos inteiros.

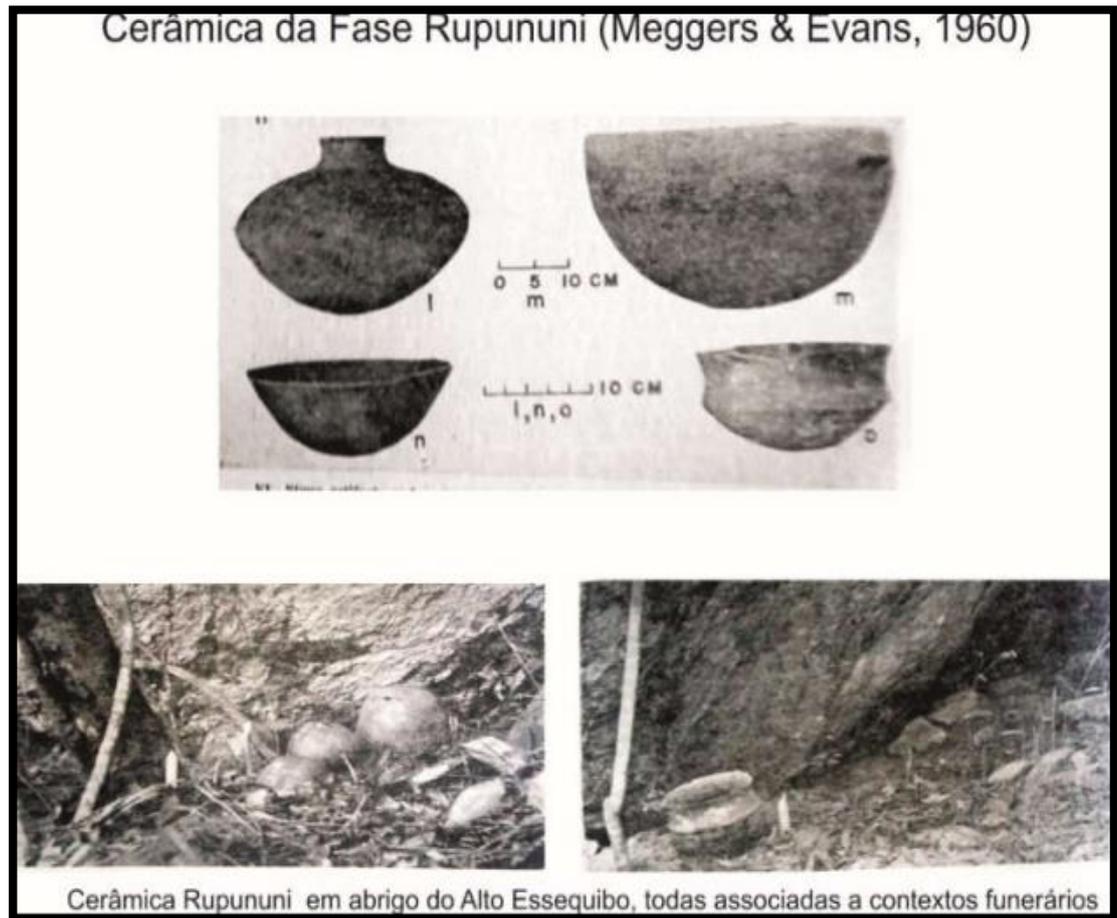


Figura 11 - Cerâmica da Fase Rupununi e o seu contexto funerário em abrigo no Alto Essequibo. Adaptado por Jácome (2017) Fonte: Evans e Meggers (1960).

## Capítulo II - Metodologia de Pesquisa

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objeto de estudo a cerâmica atual da etnia Wai Wai, na aldeia Mapuera. Assim, para a realização desta pesquisa adotamos pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

O trabalho foi iniciado com pesquisa bibliográfica, seguida de leituras de textos dos pesquisadores que já realizaram pesquisas e publicações sobre a cerâmica do meu povo Wai Wai, tanto na área da etnologia quanto da arqueologia. Conforme eu já apresentei no capítulo 1, utilizei como referência principal os trabalhos de Evans e Meggers (1960), de Jean Yde (1963), e também a dissertação e a tese de Jácome (2011, 2017).

Usei também, como *abordagem etnoarqueológica*, as reflexões teóricas de Fabiola Silva (2009). Para essa autora, etnoarqueologia “não deve ser entendida como uma analogia”, mas como a “relação entre comportamento humano e mundo material com sociedades contemporâneas”. Atualmente, a etnoarqueologia é uma área de conhecimento muito importante, que vem orientando diversos pesquisadores, na realização de estudos etnográficos para entender essa relação (mundo material e sociedade atual). Para mim, etnoarqueologia é um jeito de fazer arqueologia de forma conjunta com a população ou comunidade. É usar arqueologia para estudar a própria história.

O meu objetivo principal foi de contribuir com a investigação sobre o assunto da pesquisa do ponto de vista do meu povo, pois, já conhecemos o entendimento dos *karaiwa* (brancos) que é importante, mas é importante produzir conhecimentos a partir do nosso modo de ver. Vivem, atualmente, 12 etnias diferentes dentro da aldeia Mapuera. Assim, o meu objetivo foi o de comparar as formas de fabricação da cerâmica, mas apenas de quatro dessas etnias, são elas: Wai Wai, Katwena, Xerew e Hixkaryana. Outro objetivo que estabeleci para a pesquisa, foi o de comparar como as mulheres Wai Wai faziam cerâmicas antigamente e como estão fazendo atualmente, usando como referência justamente trabalhos de Evans e Meggers (1960) e Jean Yde (1963).

A pesquisa de campo foi essencial para obtenção dos resultados da pesquisa. Então realizei duas viagens para a pesquisa de campo, uma em maio de 2017 e outra em janeiro e fevereiro de 2019, para a aldeia Mapuera.

Na primeira viagem, a partir de um formulário semiestruturado, conversei com mulheres ceramistas sobre as matérias-primas utilizadas atualmente na produção de cerâmica

(barro, tempero, pinturas, etc.) e também sobre a forma de produção, de acordo com as seguintes questões:

- Como a cerâmica é feita, qual é a sua técnica construtiva?
- Como é o processo de fazer cerâmica na sua etnia?
- Como vocês chamam os utensílios (panela, tigela e outros) e também as pinturas na sua etnia?
- Quais as diferenças entre os modos de fazer cerâmica de hoje e de antes do contato com os missionários evangélicos?

Também utilizei equipamentos audiovisuais para melhor registrar os dados do modo fazer cerâmica.

Além disso, visitei os locais de retirada das matérias primas, momento que registrei por meio de fotografia e vídeo.

Para melhor organizar os dados coletados, criamos (juntamente com a minha orientadora) um banco de dados no Excel para trabalhar com a diversidade de informações levantadas em campo.

Em 2019, tive a oportunidade de fazer outra pesquisa de campo em Mapuera, através do auxílio financeiro Meliam Gaspar, pesquisadora do MAE-USP, que também desenvolve pesquisa com a cerâmica de grupos Karib, na região das Guianas.

Desta vez que consegui acompanhar todas as atividades de coleta das matérias-primas que são utilizadas na fabricação das cerâmicas como: argila, caraipé, resina, tinta, etc. Quando fui atrás desses materiais, não foi fácil, em alguns lugares fomos de canoa à motor e em outros fomos a pé, saindo de manhã cedo e retornando somente por volta das cinco horas da tarde.

Cada material consegui em um lugar diferente e longe da aldeia Mapuera. Por exemplo, a argila consegui abaixo da aldeia Mapuera, aproximadamente à 1 km de distância, na boca do Igarapé da Pimenta (*asisi yewku*). Daí é mais uma caminhada de 900 m até à chegada do local. Essa argila consegui através de informação da minha irmã Ivete, que já tinha visto antes. Quando o igarapé estava seco, uma senhora, chamada *Enuri*, mostrou para ela. Então, eu e a minha irmã tentamos retirar a argila com bastão, mas a gente não conseguiu por causa da chuva, que fez o igarapé encher rapidamente, ficando com nível de 90 cm. Depois de três dias retornamos novamente ao igarapé, mas a água ainda estava no mesmo nível. Decidimos mergulhar na água e começamos a juntar a argila, pouco a pouco, até formar de uma bola que media cerca de 15 cm de diâmetro. Apesar de pouca quantidade, a bola de argila estava muito

pesada, tanto que não carregamos na mão, mas no jamaxim. Acredito que pesava mais de 5 kg. Todo esse peso talvez seja por que a argila estava molhada (Figura 13).

Nessa viagem, continuei conversando com ceramistas. Em um dos relatos fiquei conhecendo sobre os tipos de argila existentes na aldeia Mapuera, conforme o trecho de fala: “Na aldeia Mapuera existem dois tipos de argilas *Cexewekem* (a cor amarela) e *Pixko Wetî ou Tîswayem* (a cor roxa)”. A argila que coletei no Igarapé da Pimenta, era de cor roxa.

Em outro relato, tive acesso a conhecimentos sobre as camadas da argila. *Txuruwayana*, conhecido como *Miico*, morador da aldeia Mapuera relatou que há três tipos de camadas. Ele disse: “quando você retira *Ermó* (argila), primeiro você pode limpar o local e retira todas as folhas da superfície, depois retire o barro misturado com areia fina e grossa e a terceira camada você encontra *Ermó*”. Essa camada, eu não observei quando fiz a retirada da argila, pois a água dificultou enxergar.



**Figura 12 - Coleta de argila no igarapé da Pimenta. Fonte: Vanderson Toori (2019).**

Nessa viagem também tive a experiência de acompanhar meus pais fazendo a retirada dos materiais que são utilizadas na fabricação das cerâmicas. Fomos atrás dos materiais e andamos aproximadamente 4 a 5 quilômetros dentro da floresta. Os materiais eram muito difíceis de encontrar, porque as árvores são muito parecidas o que dificulta sua identificação. Até que meu pai reconheceu pela folha da árvore que dá a tinta chamada *yarka yepu* (esse é o nome da árvore). Depois retiramos o leite do *yarka*, era um líquido amarelo e sem cheiro. A folha era um pouco larga e pouco comprida. De volta, pelo caminho, encontramos outra árvore, chamada *kwepi yepu* e a casca da árvore *kwepi picho* é o que é conhecido como caraipé. Papai tirou a casca da árvore com um terçado só para mostrar. Ele disse: “essa casca que as mulheres ceramistas usam para misturar com argila”.

As fotos abaixo ilustram: à esquerda, árvore do *kwepi* (caraipé); e à direita, *yarka yepu* (tinta da árvore) (Figura 14).



**Figura 13 - Fotos da árvore *kwepi yepu*. Foto: Cooni Wai Wai (2019).**

Na entrevista, escutei várias mulheres, dizendo, “existe material próprio para argila”. Outra mulher deu um exemplo de bolo: “Quando você faz um bolo, o que precisa acompanhar o trigo? A mesma coisa é argila! Quando você mistura argila com qualquer tipo de material não vai dá certo, quebra”.

## Capítulo III - Entrevistas com as ceramistas

### 3.1. Introdução

Neste capítulo apresento as entrevistas das mulheres ceramistas. Fiz entrevista na aldeia Mapuera com mulheres apenas de 4 etnias: Wai Wai, Hixkaryana, Katwena e Xerew, com o objetivo de apresentar a fabricação atual da cerâmica do meu povo Wai Wai e mapear as matérias-primas utilizadas.

Na aldeia Mapuera, poucas mulheres se dedicam a fazer cerâmicas, hoje são principalmente mulheres idosas que ainda fazem. As mulheres mais novas não querem aprender a fazer cerâmicas. Antigamente, o meu povo tinha conhecimento muito grande para transformar argila em panela de barro. Esse conhecimento passou de geração em geração, mas agora encontra-se enfraquecido. Não quero que desapareçam esses conhecimentos ancestrais.

Nesse capítulo, apresento as entrevistas com as ceramistas que vivem em Mapuera/PA, que na oportunidade, contam suas histórias e como aprenderam a fazer cerâmica.

### 3.2 Entrevista I: Ceramista da etnia Katwena

#### 3.2.1 Identificação

Eliane *Acikawara* é o nome da ceramista da etnia Katwena (Figura 15). Ela tem 76 anos de idade (essa idade que está no registro do documento, mas provavelmente ela é a mais velha). Essa senhora é muita alegre, gosta muito de fazer artesanato. Eu a conheci através de outras pessoas. Quando cheguei em sua casa, ela estava fazendo uma tanga de semente de *wohsa* em Wai Wai. Essa senhora é muito conhecida como ceramista na aldeia Mapuera e mora no bairro *Yawko* (Saúva).



**Figura 14 - Foto da ceramista Maria Rosa. Foto: Cooni Wai Wai (2017).**

### 3.2.2 Entrevista

Primeiro sentei, logo depois comecei a conversar com ela sobre a fabricação das cerâmicas. Depois chamei de *Caaca* - que quer dizer vovó em Wai Wai - e perguntei: “Como você aprendeu fazer cerâmica”? Ela começou a me contar sua história de como aprendeu antigamente sobre a construção das panelas. Veja abaixo a fala dela.

**Acikawara:** Bom, eu aprendi fazer cerâmica através da minha mãe, ela falava para mim assim: “Filha, você pode aprender fazer cerâmica, ninguém vai dar algumas panelas para você usar”. E agora já sei fazer cerâmica. Antigamente, nossa panela era feita de barro fabricada pelas nossas mães. Naquele tempo, as panelas de barro eram muito importantes para nós, hoje em dia não. Agora, estamos usando algumas panelas de alumínio, como: tacho, baldes, etc. Mais ainda existem pessoas que utilizam panela de barro. A minha filha Rute (*Ruhtu* em Waiwai) é uma das pessoas que ainda usa panela de barro para fazer *yemutu* - bebida de bacaba e de buriti - entre outros.

**Cooni:** Qual tipo de material você usa?

**Acikawara:** Para mim a fabricação da cerâmica não é nada fácil. Quando quero fazer cerâmica, primeiro vou atrás do material, como: argila, casca da árvore, sementes, tinta, resina,

etc. Quando eu consigo todo esse material, fica bem mais fácil para trabalhar com a cerâmica. Esse tipo de material as pessoas conseguem um pouco longe da nossa aldeia. Quanto à argila, conseguimos no *Karwa Yewku* (igarapé da Minhoca), que fica a 2 km acima da aldeia Mapuera. Existem também dois tipos de argila nesse lugar que são: a argila de cor amarela e argila meio roxa. A argila *cexewekem* (amarela) é boa para as outras pessoas, mas para mim, não. Pois, quando vou fazer um pote feito com ela, na hora da queima quebra. A argila de cor roxa (*pixko weti*) é muito boa para fazer cerâmica. Caraipé é a casca da árvore chamada *Kwepi* na língua Wai Wai; é muito difícil para eu conseguir, no mato, essa casca da árvore que serve para misturar com a argila.

Veja a preparação da casca da árvore (Kwepi):

- 1° - Deixar secar uma semana no sol;
- 2° - Queimar;
- 3° - Pilar, no pilão;
- 4° - Coar, no grivo. Antes eu coava na peneira bem fininha;
- 5° - Misturar com a argila;

**Cooni:** Como você faz à cerâmica?

**Acikawara:** Primeiro, misturo a casca da árvore queimada com argila, amassando até a massa ficar pronta. Depois, faço rolos compridos na tábua. Quando termino o rolete, logo depois, vou enrolando os rolos em cinco voltas em cima da tábua, um em cima do outro; a primeira volta do rolete fica na base da panela, e as quatro voltas fica na parede da panela. Depois de todo esse procedimento, vou utilizar água e cuia. A água é para molhar um pouco a argila e o pedaço de cuia é para raspar. Por último, vou fazer a borda, e assim por diante. Quando termino a construção do pote, deixo secar de três a cinco dias. Depois da secagem, vou fazer o alisamento da cerâmica com a semente de *marpa yatho* (semente de inajá), esfregando até ficar bem liso. Em seguida, irei começar a queimar com a casca da árvore chamada *marawa picho*. Depois da queima, vou começar a fazer desenhos na cerâmica. Por último, uso a resina da árvore *ayawa yehku* para a plastificação do desenho.

**Cooni:** Qual tinta você usa para fazer desenho?

**Acikawara:** Uso a tinta da árvore *yarka yehkuru*, em língua Wai Wai, que é um tipo de líquido retirado dessa árvore para fazermos o desenho na cerâmica.

### 3.3 Entrevista II: Ceramista da Etnia Hixkaryana

#### 3.3.1 Identificação

Maria Rosa, da etnia Hixkaryana, aldeia Mapuera, no Pará, tem 80 anos de idade (essa idade que está no registro do documento, mas provavelmente ela é a mais velha).

#### 3.3.2 Entrevista

Quando fui à casa da senhora Maria Rosa fazer entrevista, primeiro, conversei com ela sobre a fabricação da cerâmica antiga e atual. Logo depois, perguntei: “como você sabia, antes sobre a argila? Alguém mostrou para você?”

**Kayawa:** Bom, soube da argila através da minha avó, chamada *Ipa*. Ela também contava história para mim sobre a cerâmica. Essa fabricação é um conhecimento dos nossos ancestrais. Ela também aprendeu com a família mais antiga. Dizia que naquele tempo a construção da cerâmica era obrigatória para as mulheres. Desse modo, aprendi fazer cerâmica com ela, que começou a construir na minha frente. Eu achei que era fácil à construção da cerâmica mais é muito difícil. No meu tempo não tinham algumas panelas de alumínio, só tínhamos panelas de barro, feitas pelas nossas mães e avós. Antigamente, quando eu era nova, fazia muita cerâmica. Hoje em dia, não faço mais por causa da minha idade, mas eu ainda sei fazer. Existem outras mulheres profissionais da cerâmica, como: *Wereru*, *Kutasa*, *Amaciwi*, *Poowa*, *Wockana* e *Mooyo*. O lugar de onde se tira a argila fica bem longe, no *asîsî yewku* em Wai Wai em português Igarapé da Pimenta. Lá, a gente pega a argila quando quer fazer cerâmica. Primeiro, retiramos o barro com a mão, colocamos cinco ou seis bolas no *awci* (jamaxim) e trazemos para casa, mas como é muito pesado, os homens que carregam para nós. Depois, vamos atrás do outro material, chamado *Kwepi* em língua Wai Wai (caraipé). Trazemos essa casca da árvore para casa, deixamos secar no sol e depois queimamos para poder misturar com o barro.

**Cooni:** Como você aprendeu fazer à cerâmica?

**Kayawa:** Primeiro, aprendi a construção da cerâmica com a minha avó, quando nós estávamos isolados. Depois, o povo Wai Wai chegou à nossa aldeia chamada *Lago Minirwaka*, que ficaram lá no máximo uma semana e, depois, foram embora. No outro mês, viemos de

novo, depois nós fomos juntos com eles na aldeia *Erpo-ymo*, na Guiana [Inglesa] para ouvir pela primeira vez a palavra de Deus. Lá, observei as mulheres Wai Wai fazendo cerâmica e continuei fazendo a construção da cerâmica junto com elas. Quando voltamos para nossa aldeia antiga, no rio Mapuera, chamada *Pedra da Guariba*, em nossa língua Hixkaryana, *Maw Tohrî* (hoje, aldeia Mapuera), continuei fazendo cerâmica com minha irmã *Kutasa*. A gente fazia vários tipos de cerâmicas, como: *orynà* (vasilha), *orymako* (tigela), *assador de beiju* (*oryho*), etc.

**Cooni:** Qual tipo de material você usava para fazer o alisamento da cerâmica?

**Kayawa:** Eu usava semente de inajá (*marpa yatho*) e também um pedaço de cuia (*waraxpitu*) para raspar dentro e fora. Usava, ainda, Cogumelo (*axpi*) para fazer a borda da cerâmica. Usava também a resina (*sîpo*) para a plastificação do desenho da nossa cerâmica.

**Cooni:** Quais tipos de desenhos você fazia na cerâmica?

**Kayawa:** Eu fazia o desenho da munheca da cutia (*haxki meknu*), lagarto (*xirpapa*) e outros. Quando eu fazia esses desenhos, primeiro pegava um pedaço de pau e raspava até ficar em forma de palito. Depois, enrolava algodão na ponta desse palito, mergulhava na tinta (*yarka yehku*) e passava na cerâmica. Já vi outras pessoas fazer desenhos melhores do que os meus. Bem bonito! Eu fazia só desenho simples.

**Cooni:** Quais tipos de cerâmicas você fazia? Com decoração e sem decoração?

**Kayawa:** Com decoração eu fazia, por exemplo: *orymako* (tigela), *weryano* (prato), *pîmkoko* (jarra). Sem decoração fazia, por exemplo, *orynà* (vasilha guardar bebidas), panela pequena só de cozinhar (*wooto tîyotopo*), assador de beiju (*oryho*) e entre outros. A vasilha eu pintava só dentro com breu preto para impermeabilizar e alisava por fora com a semente. O cheiro do breu preto eu tirava com a casca da castanha ou com pano velho para não ficar com mau cheiro.

**Cooni:** Como você queimava a cerâmica?

**Kayawa:** Bom, eu queimava a cerâmica cuidadosamente. Primeiro, organizava o local da queima um pouco longe da minha casa; logo depois, duas ou três pessoas carregavam as vasilhas para o local da queima. Essas vasilhas eram colocadas para queimar viradas de cabeça para baixo na posição vertical. Existem dois tipos de queima da cerâmica: com casca e com

madeira. Com “casca da árvore” eu queimava as cerâmicas pequenas; já as grandes eu queimava com “madeira”, pois a queimação com a casca da árvore não queimava bem as cerâmicas grandes, por isso que eu queimava as panelas grandes com madeira.

### *3.4. Entrevista III: Ceramista da etnia Xerew E Katwena*

#### 3.4.1 Identificação

Wereru é da etnia Xerew e Katwena, moradora da aldeia Mapuera, no Pará, tem 81 anos de idade (essa idade que está no registro do documento, mas provavelmente ela é a mais velha) (Figura 16). Wereru é muito conhecida como profissional da cerâmica na aldeia Mapuera. Ouvi muita gente falando do nome dela como melhor ceramista na aldeia.



**Figura 15 - Foto da ceramista Wereru. Foto: Cooni Wai Wai (2017).**

### 3.342 Entrevista

Quando cheguei a casa da ceramista Wereru para fazer entrevista sobre a fabricação da cerâmica antiga e atual. Primeiro, estava conversando com ela sobre a cerâmica. Ela começou a contar sua história. Logo depois, perguntei: “Por que você tem duas etnias”?

**Wereru:** Bom, vou contar a minha história para você. Antigamente, nós morávamos no Rio Katxuru (Rio Cachorro), mas existia muita guerra nessa região com outros povos, o que causou a morte dos meus pais. É aí, que nossas famílias fugiram, por causa dessa guerra, para outro rio, chamado Rio Turuni, mas existia outra etnia naquele rio chamada etnia Katwena. Depois, a nossa família começou a casar com esse povo e foi se misturando.

**Cooni:** como você aprendeu fazer à cerâmica?

**Wereru:** Ninguém me ensinou a fazer isso. Essa fabricação eu aprendi sozinha, através da minha inteligência, quando eu era moça.

**Cooni:** Quais tipos de materiais você usa para fazer a construção da cerâmica?

**Wereru:** Eu uso só alguns tipos de materiais para trabalhar com a cerâmica, como: *ermo* (argila), *kwepi* (caraipé), semente de inajá, (*marpa yatho*), pedaço de cuia, (*waraxpitu*), resina (*sîpo*), pedaço da tábua (*sahsamaxapu tho*) e tinta (*yarka yehkuru*). Para mim esses tipos de materiais, retirados da floresta, são muito importantes para a fabricação da cerâmica. Isso não é fácil, eu como ceramista quando quero fazer a cerâmica, preciso primeiro de todos os materiais.

Existem outros tipos de materiais muito difíceis para eu conseguir, como: caraipé<sup>3</sup>, breu e tinta. Quando meu marido era vivo ele conseguia esses materiais para mim, mais agora ele faleceu e ficou muito difícil para conseguir. Argila e caraipé são materiais mais importantes da construção da cerâmica.

Primeiramente, vou transformar a casca do *Kwepi* em carvão até virar cinza. Depois, pego o carvão e misturo com a argila, amassando com a minha mão até a massa ficar pronta. Em seguida, faço rolete com a minha mão e também na tábua; a partir daí começamos a desenvolver a panela, iniciando pela base até a altura que for desejada. Por último, faço a

---

<sup>3</sup> A ceramista quer dizer que tem dificuldade de conseguir essa casca em função da localização das árvores que ficam, geralmente, em área de mata, e, também, porque elas (as árvores) são muito parecidas o que dificulta sua identificação.

raspagem da cerâmica com pedaço de cuia (*waraxpitu*), raspo na parte externa e interna da panela. Terminando o trabalho da construção da cerâmica, logo depois vou deixar a cerâmica pronta na sombra para secar no máximo três ou cinco dias. Depois da secagem vem o polimento da panela com a semente de inajá (*marpa yatho*) na minha língua Xerew é *porokoko*, eu começo a esfregar com a semente na parte interna da cerâmica até a panela ficar bem lisa.

Depois desse alisamento da cerâmica, no outro dia, começo fazer a queima da cerâmica com a casca da árvore chamada *marawa picho*, em nossa língua. A minha queima leva cerca de três ou quatro horas; basicamente, começo pela parte da tarde, às 18:00 horas ponho a cerâmica no fogo e cubro com a casca bem grossa e conforme a casca vai queimando, eu coloco novas cascas, faço isso pelo menos três vezes em cada queima das panelas.

Depois da queima da cerâmica, o próximo passo é o acabamento, chamado de plastificação [envernizamento], mas, antes disso, utilizo a tinta na elaboração de desenhos nas minhas cerâmicas já prontas, como: tigelas, pratos, jarras e copos. Se não tiver a tinta, eu deixo as cerâmicas sem desenho por alguns dias ou meses até eu conseguir a tinta (*yarka yehkuru*). Antes da plastificação da cerâmica eu termino de fazer os desenhos; depois, começo o último passo que é usar a resina (*sîpo*<sup>4</sup>) para envernizar a peça, amarrando na ponta do piquete aplicando na cerâmica quente e plastificando os desenhos.

### 3.5 Entrevista IV: Ceramista da etnia Wai Wai

#### 3.5.1 Identificação

Elisa Mooyo, da etnia Wai Wai, aldeia Mapuera, no Pará, tem idade 75 anos (essa idade que está no registro do documento, mas provavelmente ela é a mais velha) (Figura 16). Quando entrevistei essa senhora sobre a fabricação da cerâmica, ela contou sua história como ela aprendeu antigamente sobre a construção das panelas.

---

<sup>4</sup> Sîpo, resina em nossa língua, é extraída da árvore chamada sîpo yepu em Wai Wai.



**Figura 16 - Foto da ceramista. Foto: Cooni Wai Wai (2017).**

### 3.5.2 Entrevista

**Cooni:** Como você aprendeu fazer à cerâmica?

**Elisa Mooyo:** Eu aprendi a fazer cerâmica através da minha mãe. Depois eu ensinei outras mulheres aqui na Aldeia Mapuera para construção da cerâmica. Sou profissional da fabricação da cerâmica desde quando aprendi com minha mãe. Atualmente, nossa família Wai Wai está deixando a cultura. Antigamente, a gente usava muitas panelas de barro, hoje em dia não vejo mais usar as panelas.

**Cooni:** Quais tipos de materiais você usa para fazer a construção da cerâmica?

**Elisa Mooyo:** Para mim é muito trabalhosa a construção da cerâmica. Primeiro, vou atrás da argila, mais se tivesse em casa seria bom. Quando tem argila em casa, ela fica dura, então coloco no balde com água e deixo dois dias para amolecer. Se tivesse a casca da árvore pronta em casa, logo depois, eu misturaria com argila e começaria a fazer os roletes em cima da tábua com minha mão (palmas das mãos); em seguida, começaria a fazer a construção da panela, de qualquer tipo, grande ou pequena, a borda da panela faço com cogumelo (*axpi*) e assim por diante. Se não tiver o material todo, em casa, é muito difícil. Primeiro, temos que ir atrás do material para trabalhar.

**Cooni:** Essa argila você tira em que tempo? No verão ou no inverno?

**Elisa Mooyo:** Eu tiro argila no tempo do verão, em época de seca. No tempo do inverno vai ficar difícil para tirar, porque o barro está no fundo da água. Existem dois tipos de argila também: a de cor amarela (*cexewekem*) e a cor roxa (*pixko weti* ou *tiswayem*).

**Cooni:** Qual tipo de material você usa para fazer o alisamento da cerâmica?

**Elisa Mooyo:** Eu uso semente de inajá (*marpa yatho*) para fazer o alisamento das panelas. Com essa semente eu esfrego a panela pronta até ficar bem lisa. A borda da cerâmica eu faço com cogumelo, *xpi*, em nossa língua Wai Wai. Além disso, eu uso pedaço de cuia para raspar.

**Cooni:** Qual tipo de tinta você usa para fazer os desenhos?

**Elisa Mooyo:** Uso a tinta natural, retirada da árvore *yarka yehkuru*, em nossa língua Wai Wai. Essa tinta eu misturo com a folha de ubim para ficar bem preta.

**Cooni:** Quais tipos de panelas você faz com decoração e sem decoração?

**Elisa Mooyo:** Existem vários tipos de panelas com decoração, como: tigela (*parakwe*), prato (*weera*), jarra (*pîmkoko*). Esses tipos de objetos eu faço com decoração. Em cada um faço um desenho diferente, por exemplo: no feito da tigela (*parakwe*) faço o desenho da munheca da cutia e no feito do prato (*weera*) faço a fibra do ubim (*mîna repu*). Existem também outros tipos de panelas sem decoração, como: vasilhame de fazer bebida (*tahrem*), panela de cozinhar comida (*tahrem wooto tîyotopo*), assador de beiju (*erpo*), etc. Esses tipos de objetos eu pinto por dentro com outro tipo de material, chamado breu preto, *maani* em nossa língua; por fora da cerâmica não pinto nada. O cheiro do breu preto eu tiro com a casca da castanha para não ficar com mau cheiro. Também tiro o mau cheiro com outro tipo folha de ubim, *mîna yari*, essa folha de ubim eu queimo dentro da panela para tirar o mau cheiro e, também, com água quente.

**Cooni:** Você deixa secar a cerâmica pronta quantos dias?

**Elisa Mooyo:** Quando vou terminar a construção das cerâmicas, deixo secar no máximo seis dias.

**Cooni:** Você queima a cerâmica com quais tipos de árvore?

**Elisa Mooyo:** Bom, eu uso a queima da cerâmica com dois tipos de material: madeira do *marawa* (marawa, nome da espécie) e a casca da árvore *marawa* picho. Com a casca da árvore eu queimo potes pequenos e as panelas grandes ou assador de beiju eu queimo com a madeira. A minha queima da cerâmica começa pela parte da manhã até às cinco horas da tarde.

## Capítulo IV- Resultados

### 4.1 Introdução

Este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, apresento os resultados do trabalho de campo etnográfico feito em 2017 e 2019, e depois faço uma análise a partir das entrevistas e do campo etnográfico sobre a fabricação atual da cerâmica Wai Wai, Katwena, Xerew e Hixkaryana.

A pesquisa de campo foi na aldeia Mapuera. O primeiro levantamento de campo, em 2017, foi orientado por um formulário de entrevistas, aplicado juntamente com perguntas livres. Também utilizei a gravação de vídeos e fotografias.

Em 2019, tive a oportunidade de fazer outro levantamento de campo, através do auxílio financeiro de Meliam Gaspar, pesquisadora do MAE-USP, que também desenvolve pesquisa com a cerâmica de grupos Karib da região das Guianas. Desta vez que consegui acompanhar todas as atividades de coleta das matérias-primas que são utilizadas na fabricação das cerâmicas.

Vou iniciar este capítulo por esta parte da descrição etnográfica e depois passo a análise das entrevistas, pois considero que a partir da minha observação, pude entender melhor o que as mulheres disseram nas entrevistas.

### 4.2 Resultado do Trabalho de Campo Etnográfico

Durante a pesquisa, observei que a etnia Wai Wai chama vasilha de *tahrem*, prato de *weera*, jarra de *pîmkoko* e tigela de *parakwe*. As outras etnias chamam esses utensílios com nomes diferentes. A etnia Hixkaryana chama vasilha de *orynà*, prato de *weryano* e tigela de *orymako* (Figura 16). É um dado importante, pois indica as diferentes formas de cada etnia fazer cerâmica para as futuras gerações, já que hoje poucas mulheres, as mais velhas, têm esse conhecimento. E mostra, que mesmo sendo os processos muito parecidos, há pequenas diferenças para cada grupo. Essas diferenças não foram notadas por Yde (1963), portanto, é uma contribuição da minha pesquisa, com olhar de arqueólogo Wai Wai.

A produção da cerâmica é exclusiva das mulheres, mas poucas se dedicam a esta técnica ancestral. Os utensílios produzidos hoje são potes pequenos, tigelas (*parakwe*), tipos de vasilha para guardar bebidas (*tahrem wooku yen*) e panelas de cozinhar (*tahrem wooto tîyotopo*) (Figura 17). Isso também é uma mudança recente, antigamente, como vemos em Yde (1963) e Evans e Meggers (1960), os potes em geral tinham maiores dimensões. Essa mudança não foi explicada, mas pensamos que pode ser pelas dificuldades encontradas pelas mulheres hoje em dia, como veremos abaixo na análise das entrevistas, mas também porque a maior parte dos potes atualmente produzidos é para o comércio de artesanato, que é vendido em Santarém para as lojas de comércio desses itens para turistas.



Figura 17 - Fotos das formas das vasilhas e como uso diferente. Fotos: Cooni Wai Wai (2019).

Na primeira viagem a campo, encontrei várias vasilhas de tamanhos diferentes ainda sendo feitas. Quando voltei um ano depois, além das formas já conhecidas, observei outro tipo de objeto chamado *Krawoto* (em língua Wai Wai), que era usado como uma “flauta”. A palavra em Wai Wai para designar flauta utilizada atualmente é *ratî*, todos os instrumentos de sopro levam esse nome, mas essa de cerâmica tem a denominação diferente, *Krawoto*. O objeto estava na casa da ceramista *Acikawara*, da etnia Katwena. A medida é 12 cm de comprimento 4 cm de largura; tinha dois furos ao lado do outro no fundo da peça. A ceramista disse: “antigamente, a gente usava este objeto no tempo da festa e na guerra também”. Perguntei: “como era usado este objeto na guerra?”. Ela respondeu: “Os homens que usavam para se comunicar com a outra pessoa, quando faziam o círculo da aldeia e tocavam a flauta fooh”, outra respondia: “fooh, fooh e depois começavam a atacar”. Na casa dela também encontrei duas panelas de barro muito grandes, que mediam: 80 cm de altura, 25 cm de base e 45 cm borda. Uma delas estava quebrada e a outra, *tahrem*, estava cheia de argila. Tinha também uma lata com 40 cerâmicas prontas pequenas para seu filho vender (Figura 18).

*Krawoto* é uma flauta feita da argila que toca dois tipos de sons: grosso e fino. E pode ser usada por homens e mulheres. A ceramista disse: “sei fazer vários tipos de objetos, mas não faço agora por causa da proibição dos caciques. Antigamente, fazia diferentes tipos de objetos, quando estávamos isoladas. Fiz esses objetos só para o meu filho vender na cidade”. Veja as imagens das cerâmicas.

Então novamente essa observação em campo, traz uma contribuição inédita, nem Yde (1953), nem Evans e Meggers (1960) mencionaram sobre outros objetos, além de panelas e vasilhas construídas em cerâmica. Também é importante ressaltar que *Acikawara*, atribui o desaparecimento dessa técnica de fazer flauta e também da produção de vasilhas a proibição dos caciques, e não somente, por que é mais fácil usar as panelas de alumínio, que já vem prontas.



**Figura 18 - Fotos do *krawoto* (à direita) e da *tahrem* (à esquerda).**

#### 4.2.1 A coleta da argila

A extração da argila é realizada tanto por homens como por mulheres. Os homens podem trabalhar na retirada dos materiais, na produção da massa de argila, carregar as peças que vão ser queimadas e podem pintar (caso tenham muitas peças), mas a construção dos utensílios é um trabalho somente das mulheres.

A argila ideal é geralmente encontrada em dois lugares nas margens de igarapés distantes das aldeias. O Igarapé da Pimenta (*asîsî yewku*), que fica abaixo da aldeia Mapuera, aproximadamente à 1 km de distância e o Igarapé da Minhoca (*Karwa Yewku*), que fica 4 km acima da aldeia (ver Figura 12 acima). Nesse lugar vamos de canoa à motor, sendo necessárias várias horas de viagem para chegar aos locais de coleta da argila.

#### 4.2.2 Preparação do Kwepi (caraipé)

*Kwepi Yepu* é o nome da árvore, da qual se retira a casca para usar na cerâmica. Essa árvore é encontrada principalmente na floresta e sua casca é conhecida como caraipé (ver Figura 13 acima). Os materiais eram muito difíceis de encontrar, porque as árvores são muito parecidas, o que dificulta sua identificação. Primeiramente, é preciso buscar na floresta e trazer para casa nas costas, no *Awci* (jamaxim). Depois, coloca-se a casca no sol para secar no máximo uma semana. Após da secagem precisa queimar, torrar no pilão e coar no crivo, transformando-se em um pó, parecido com cimento. É esse pó que é usado para produzir cerâmica (Figura 19).

Celestina Wapu, explica que já faz a queima da casca de *Kwepi* fresca, conforme suas palavras: “eu queimo a casca nova mesmo, depois e misturo com a argila”.



**Figura 19 - Preparação da casca de *Kwepi*. Foto: Cooni Wai Wai (2019).**

#### 4.2.3 A manufatura

Com as matérias-primas em mãos, a artesã, primeiramente, transformará a casca do *kwepi* em carvão. Logo depois, irá misturar com a mão em cima do saco, a massa está pronta (Figura 19). A ceramista senta no chão, com os materiais ao seu redor, pega uma tábua de madeira para utilizar como suporte para a construção da vasilha, coloca na perna e começa a trabalhar na cerâmica, começando pela a base plana, circular e grossa. Depois de moldada, belisca no centro com seu dedo, retirando um pouco da massa de argila. Em seguida, a ceramista deixa no sol por no máximo 10 minutos. O rolete era colocado de três voltas e começa a raspagem com um pedaço de cuia. A artesã faz rolos compridos com as palmas das mãos e na tábua. Os rolos são sobrepostos, um a um, até alcançarem a altura desejada da parede da panela.

A peça então passará pelo polimento interno e externo para adquirir um formato uniforme (Figura 20).

Celestina *Wapu Wai Wai*, moradora da aldeia Mapuera, uma das produtoras de panelas de barro, explica: “*waraxpítu* (cuia) não serve só para raspagem da vasilha, para mim *waraxpítu* serve para abrir um formato da vasilha”. As bordas são modeladas e o polimento final. Após o acabamento da forma das panelas é colocada na sombra para secagem de 3 a 5 dias, antes da queima.



**Figura 20 - Fotos da produção de utensílios de cerâmica. Fotos: Cooni Wai Wai, 2019.**

#### 4.2.4 A queima

Antes da queima das vasilhas, a ceramista faz a pré-queima de todas as cerâmicas (Figura 21). As vasilhas são colocadas com a boca para baixo em um suporte de ferro, com fogo baixo e a cor da cerâmica muda para marrom. A pré-queima leva aproximadamente 45 minutos. Logo depois, é levada diretamente para cobrir com a casca da árvore chamada *marawa picho* e pedaços de pau que são ateados com fogo até completar a queima (Figura 21). Essa lenha atinge alta temperatura para assar as panelas. Os potes pequenos são queimados juntos; já os grandes, individualmente. Essa queima da cerâmica leva aproximadamente um dia, começando as 18h da tarde e finalizando por volta das 6h da manhã. A *Marawa Picho* também faz uma queima lenta e, por isso, o fogo dura tantas horas.

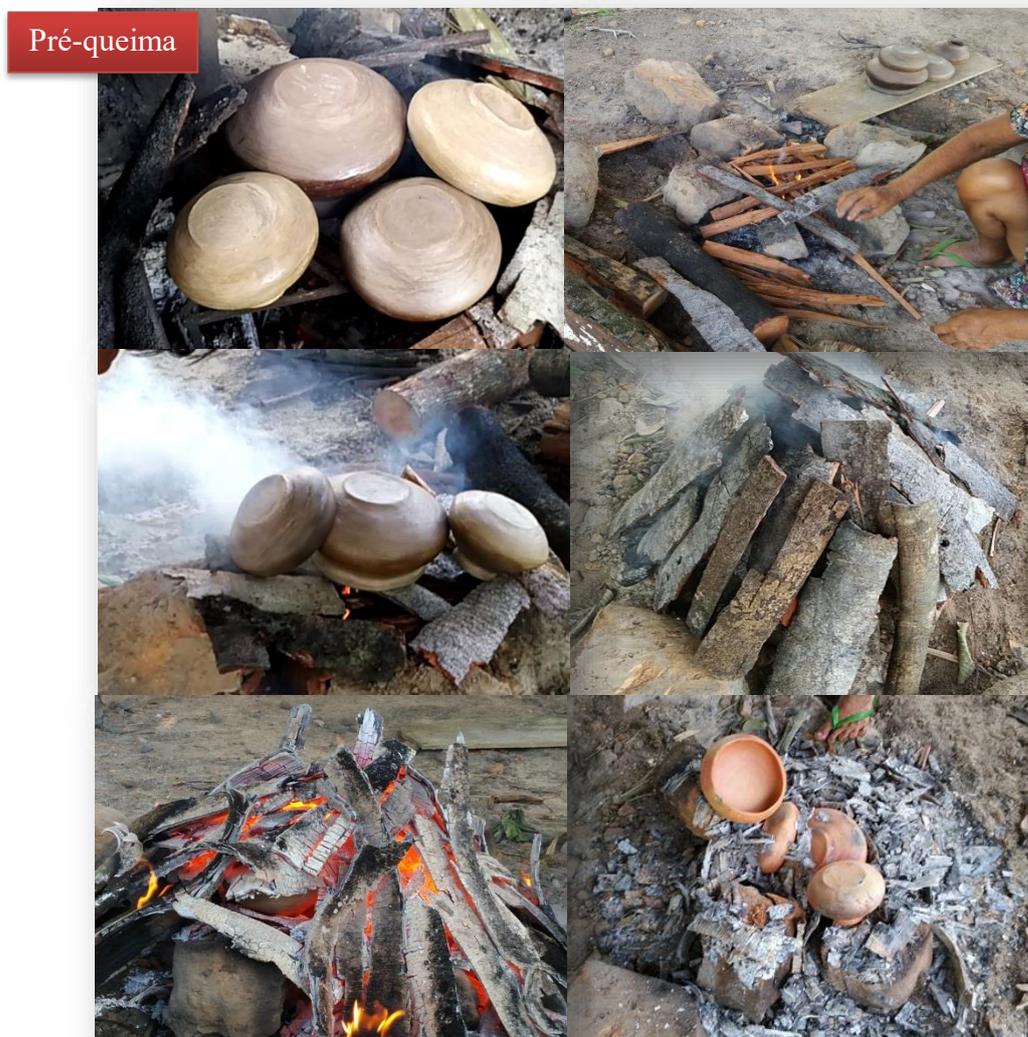


Figura 21 – Acima o processo de pré-queima, e no meio e abaixo a queima. Fotos: Cooni Wai Wai (2019).

#### 4.2.5 O tratamento da pintura

O acabamento das panelas é feito com pinturas. Primeiro, é feito o desenho, com tinta de *yarka yehkuru*. Tem coloração amarela e se for misturada com palha de ubim queimado, a tinta fica preta (Figura 21). A tinta é aplicada na cerâmica por meio de um palito com algodão na ponta. Depois que seca a tinta do desenho, toda a peça é recoberta com *sîpo* (resina) que é extraída de uma árvore que é chamada em Wai Wai *ayawa yehku*. Os desenhos são feitos, normalmente, na parte de fora da panela (Figura 22). Na parte de dentro da panela, somente quando esta é feita para vender, pinta com *Kuuri*, que é um barro vermelho.

Quando a panela é para cozinhar se passa uma resina chamada *maani*, que é retirada da *maani yepu*. Essa resina é aplicada para impermeabilizar e também porque ela protege a argila para não se soltar; caso contrário poderá soltar pedaço de barro ou pedrinha quando estiverem cozinhando na panela. É uma forma de vedar pequenos buracos e rachaduras do barro queimado. Essa resina também não deixa dar cheiro de comida, principalmente, da carne de caça na panela. As resinas são aplicadas quentes, tem que ser aplicada rapidamente porque se não endurece.

Em geral, depois da queima, o processo de finalização da panela é em poucas horas e já está pronto.



Figura 22 - Aplicação de desenho nas cerâmicas. Fotos: Cooni Wai Wai (2019).

### 4.3 Análise das Entrevistas das Mulheres Wai Wai, Katwena, Xerew E Hixkaryana

Nesta parte, apresento a fabricação atual das cerâmicas de quatro etnias Wai Wai, Katwena, Xerew e Hixkaryana a partir das entrevistas que fiz em 2017. Quando entrevistei as mulheres ceramistas na aldeia Mapuera, relataram: “as cerâmicas daquela época eram diferentes das atuais. Pois, cada etnia tinha suas formas e tamanhos diferenciados das outras”. A cerâmica Wai Wai que foi identificada por Evans & Meggers e Yde, foi entendida como um conjunto único, de um jeito de fazer cerâmica igual. Mas observei que há diferenças no jeito de fazer cerâmica entre as quatro mulheres de diferentes etnias que entrevistei. Então, aquilo que foi chamado de cerâmica Wai Wai, na verdade misturou pelo menos as cerâmicas Hixkaryana, Katwena, Xerew, Wai Wai.

Na minha pesquisa, uma das observações é que as etnias que vivem dentro da aldeia utilizam nomes diferentes para as cerâmicas, pois falam idiomas diferentes. Por exemplo, o povo Wai Wai chama *tahrem* (vasilha), *weera* (prato), *pîmkoko* (jarra) e *parakwe* (tigela). A etnia Hixkaryana chama *oryenà* (vasilha), *ormako* (tigela), *weryano* (prato) etc. Isso é importante, já que vai registrar as diferentes formas de cada etnia nomeia e faz cerâmica para as futuras gerações, já que hoje poucas mulheres, nesse caso as mais velhas, têm esse conhecimento.

*Kwarîmna* relatou: “antigamente, o povo Wai Wai chamava o nome da vasilha de *Pawka*, tudo mudou no tempo da evangelização. Naquela época a evangelização trouxe várias etnias diferentes para a aldeia *Kanaxem* (“Deus ama você”) na Guiana e misturou totalmente a nossa língua, cultura, etc.”. Atualmente, a maioria das pessoas chama o nome da vasilha de *Tahrem* e panela de alumínio de *Tenene*.

Na aldeia Mapuera, observei cerâmicas de várias formas e tamanhos diferentes, resultantes da convivência com vários povos. Fiz a comparação das cerâmicas antigas com atual, através do trabalho de pesquisadores anteriores, que já fizeram trabalho escrito sobre a cerâmica do povo Wai Wai, na região do Essequibo na Guiana, tanto na área da etnologia (Yde, 1963) quanto da arqueologia (Evans & Meggers, 1960). De acordo com essa comparação, a cerâmica Wai Wai continua com as mesmas formas e tamanhos, mas observei algumas mudanças: uma no uso de um elemento químico da pilha de lanterna (Figura 23) como a mistura da tinta; antes somente usavam a palha de ubim queimada.



**Figura 23 – Uso da composição química da pilha de lanterna. Foto: Cooni Wai Wai (2019).**

A outra mudança observada é na forma da produção dos utensílios de cerâmica. Antes a ceramista trabalhava sentada no chão e fazia a produção da cerâmica também no chão, o que cansava muito a coluna, hoje em dia, as ceramistas usam um pedaço de tronco e uma tábua, fazendo uma espécie de mesa pequena e próxima ao chão para fazer a preparação da cerâmica em cima (Figura 24).



**Figura 24 – Posição que as mulheres fazem a cerâmica atualmente. Foto: Cooni Wai Wai (2019).**

Além disso, as etnias que vivem dentro da aldeia utilizam nomes diferentes para os utensílios de cerâmicas, de acordo com seus idiomas. Por exemplo: o povo Wai Wai chama vasilha de *Tahrem*, prato de *Ahpa*, tigela de *Parakwe*, etc.; A etnia Hixkaryana chama vasilha de *Orynà*, prato de *Weryano*, tigela de *Orymako*, assim por diante.

Atualmente, a produção da cerâmica é mais voltada para a venda, já que exerce pouca funcionalidade no dia a dia da aldeia, pois agora utilizam panelas de alumínio e vasilhas de plásticos para a preparação dos alimentos. Essa substituição das panelas de barro por panelas de alumínio vem ocorrendo desde a década de 1960, que os Wai Wai adquiriram por meio do contato com missionários evangélicos e por meio de trocas com os Wapixana.

## Conclusão

Este trabalho foi uma experiência muito nova para mim, foi a minha primeira experiência de escrever um trabalho em português tão grande. Também foi a minha primeira experiência como pesquisador da área de arqueologia. Por isso foi muito importante para minha formação como futuro arqueólogo. É muito importante ter a perspectiva de um pesquisador Wai Wai sobre a cerâmica feita pelas mulheres de meu povo.

Tanto na experiência de campo etnográfico e das entrevistas com as mulheres ceramistas observei e anotei informações que não foram feitas pelos pesquisadores karaiwa (Evans e Meggers, 1963; Yde, 1963, Jácome, 2017), o que traz a minha contribuição para pesquisa sobre cerâmica Wai Wai. Dessa forma, as duas informações se complementam e contribuem para que o conhecimento de sobre os modos de fazer cerâmica, que está desaparecendo para o meu povo.

Além disso, com as entrevistas, pude mostrar um pouco do que pensam as mulheres Wai Wai ceramistas, como aprendem, por que deixaram de fazer, e como o conhecimento da cerâmica foi e ainda é importante para elas.

Por fim, observamos que a cerâmica Wai Wai, na verdade é uma cerâmica de vários povos, pois como mostramos, analisamos sobre as mulheres de quatro etnias: Wai Wai, Hixkaryana, Xerew-Katwena e Katwena, notamos que existem nomes diferentes e informações diferentes, como a flauta de cerâmica Katuena.

### Referências Bibliográficas

- BARBOSA DE FARIA, J. **A cerâmica da tribo Uaboi dos rios Trombetas e Jamundá: contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do Baixo Amazonas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, CNPI, Imprensa Nacional, 1946.
- CABRAL, M. P. Juntando Fragmentos: Uma Reflexão sobre a Classificação da Fase Koriabo no Amapá. **Amazônica: Revista de Antropologia**, v. 3, p. 88-106, 2011.
- CAIXETA DE QUEIROZ, R. A C. de. Saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: WRIGHT, R. M. **Transformando os Deuses – Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 255-284.
- \_\_\_\_\_. **Trombetas-Mapuera–território indígena**. Brasília: FUNAI-PPTAL, 2008.
- \_\_\_\_\_. Cosmologia e história waiwai e katxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana). In: GRUPIONI, D. F.; ANDRADE, L. M.M. de. **Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná**. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo e Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p. 104-133.
- EVANS, C.; MEGGERS, B. J. Life among the Wai Wais. **National Geography Magazine**, 107(3), p. 329-346, 1955.
- \_\_\_\_\_. Archaeological Investigations in British Guyana. **Bulletin of the Bureau of American Ethnology**, 177, p. 1-418, 1960.
- FOCK, N. **Waiwai: religion and society of an Amazonian tribe**. Copenhagen: The National Museum, 1963.
- GUAPINDAIA, V. L. C. **Além da margem do rio – as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- HILBERT, P. P. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, v. 9, 1955.
- HILBERT, P.; HILBERT, K. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamunda e Trombetas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)**, 1980.
- HORWARD, C. V **Wrought Identities: the Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of northern Amazonia**. 2011. Tese de Doutorado. The University of Chicago, Chicago/Illinois, 2001.
- JÁCOME, C. P. **Pelo Rio Mapuera Reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011

\_\_\_\_\_. **Dos Waiwai aos Pooco: fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrî), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHOMBURGK, R. (1922-23). *Travels in British Guyana, 1840-1844*. (Vol. 2v). Georgetown: The Daily Chronicle Ltd.

SILVA, F.A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8, n. 16, 2009b.

VAN den BEL, M. A. Koriabo site on the Lower Maroni River: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. In: PEREIRA, E.S.; GUAPINDAIA, V. **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG/ IPHAN/ SECULT, v.1, 2010, p.61-93.

YDE, J. **Material culture of the Waiwai**. Copenhagen: The National Museum, 1965.